

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
JORNALISMO

BRUNA PREBIANCA MAGALHÃES

MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO:
ANÁLISE DA PRESENÇA FEMININA NOS PROGRAMAS REGIONAIS DO GLOBO
ESPORTE.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristiane Finger

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

BRUNA PREBIANCA MAGALHÃES
(E-mail: b.magalhaes@edu.pucrs.br)

MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO:
AVALIAÇÃO DA PRESENÇA NOS PROGRAMAS REGIONAIS DO GLOBO
ESPORTE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para a obtenção de grau de Bacharel em
Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristiane Finger

Porto Alegre
2023
BRUNA PREBIANCA MAGALHÃES

MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO:
AVALIAÇÃO DA PRESENÇA NOS PROGRAMAS REGIONAIS DO GLOBO
ESPORTE.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção de grau de Bacharel em
Jornalismo da Faculdade de
Comunicação Social da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Cristiane Finger — PUCRS

Prof. Dr. Fabio Canatta — PUCRS

Prof. Me. Tércio Saccol — PUCRS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Elton e Kátia, minha irmã Mônica, minha avó Ires e ao meu namorado Gustavo, que estiveram ao meu lado, me apoiando e acreditando no meu potencial, sempre fazendo de tudo por mim.

Aos meus professores que, durante a graduação, passaram seus conhecimentos, mesmo com os desafios da pandemia e depois presencialmente, buscando contemplar os conhecimentos mais relevantes para a construção da minha bagagem profissional.

À minha professora orientadora Cristiane Finger que, com profissionalismo e afeição, me conduziu da melhor maneira para a produção do TCC e, conseqüentemente, a conclusão do curso.

Por fim, agradeço à minha amiga Marina pelos onze anos de amizade, cumplicidade e apoio emocional que foram cruciais nos momentos desafiadores desta reta final.

RESUMO

O tema desenvolvido na presente pesquisa envolve a presença de mulheres na posição de âncoras do programa *Globo Esporte* em dimensões regionais nos anos de 2017, 2018, 2019, 2021, 2022 e 2023. Com objetivo de mensurar a participação das mesmas, a pesquisa se propõe a analisar as transmissões do programa *Globo Esporte* das seguintes emissoras da Rede Globo: TV Globo São Paulo, TV Globo Rio de Janeiro, TV Globo Minas, TV Globo Brasília e TV Globo Pernambuco, RBS TV, NSC TV, RPC TV, TV Gazeta, TV Morena, TV Centro América, TV Anhanguera, Rede Amazônica, TV Liberal, TV Bahia, TV Sergipe, TV Cabo Branco, Rede InterTV, TV Verdes Mares, TV Clube e TV Mirante. Para alcançar esse objetivo, o estudo em questão mobilizou o conceito de desigualdade de gênero para avaliar o mercado de trabalho do jornalismo, em perspectiva macro, e do jornalismo esportivo em perspectiva micro. A aplicação da metodologia Análise de Conteúdo (BARDIN,1977) foi utilizada na etapa de coleta empírica de materiais (vídeos do programa *Globo Esporte* de cada emissora mencionada) percorrendo as etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: inferência e interpretação. Os resultados da pesquisa demonstram que a ancoragem feminina não se igualou ou ultrapassou a masculina, representa 40% da ancoragem analisada, enquanto a masculina representa 60%.

Palavras-chave: *Globo Esporte*; desigualdade de gênero; jornalismo esportivo; mulheres, jornalismo, programas esportivos.

ABSTRACT

The theme developed in this research involves the presence of women in the position of anchors of the *Globo Esporte* program in regional dimensions in the years 2017, 2018, 2019, 2021, 2022 and 2023. With the objective of measuring their participation, the research proposes to analyze the broadcasts of the *Globo Esporte* program from the following Rede Globo broadcasters: TV Globo São Paulo, TV Globo Rio de Janeiro, TV Globo Minas, TV Globo Brasília and TV Globo Pernambuco, RBS TV, NSC TV, RPC TV, TV Gazeta, TV Morena, TV Centro América, TV Anhanguera, Rede Amazônica, TV Liberal, TV Bahia, TV Sergipe, TV Cabo Branco, Rede InterTV, TV Verdes Mares, TV Clube and TV Mirante. To achieve this objective, the study in question mobilized the concept of gender inequality to evaluate the journalism job market, from a macro perspective, and sports journalism from a micro perspective. The application of the Content Analysis (BARDIN, 1977) methodology was used in the empirical material collection stage (videos from the *Globo Esporte* program from each broadcaster mentioned) going through the stages: pre-analysis, exploration of the material and treatment of results: inference and interpretation. The research results demonstrate that female anchoring did not equal or exceed male anchoring, it represents 40% of the analyzed anchoring, while male anchoring represents 60%.

Keywords: *Globo Esporte*; gender inequality; sports journalism; women; journalism; sport programmes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Apresentadora Alice Bastos Neves da afiliada RBS TV.....	36
Figura 2 - Apresentadora Alessandra Flores da afiliada NSC TV.....	37
Figura 3 - Apresentadora Duda Dalponte da afiliada NSC TV.....	37
Figura 4 - Apresentadora Cacau Corazza da afiliada NSC TV.....	37
Figura 5 - Apresentadora Janaína Castilho da afiliada RPC TV.....	38
Figura 6 - Apresentadora Nadja Mauad da afiliada RPC TV.....	38
Figura 7 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora afiliada na Região Sul do Brasil.....	39
Figura 8 - Apresentadora Maíra Lemos da afiliada TV Globo Minas	40
Figura 9 - Apresentadora Catarina Pereira da afiliada TV Globo Minas.....	40
Figura 10 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Sudeste do Brasil.....	41
Figura 11 - Apresentadora Karla Izumi da afiliada TV Anhanguera GO.....	42
Figura 12 - Apresentadora Viviane Costa da afiliada TV Globo Brasília.....	43
Figura 13 - Apresentadora Stephanie Alves da afiliada TV Globo Brasília.....	43
Figura 14 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Centro-Oeste do Brasil.....	44
Figura 15 - Apresentadora Karina Quadros da afiliada Rede Amazônica RO.....	45
Figura 16 - Apresentadora Luciana Macedo da afiliada Rede Amazônica RR.....	46
Figura 17 - Apresentadora Gabriela Garcia da afiliada Rede Amazônica RR.....	46
Figura 18 - Apresentadora Elyerge Paes da afiliada Rede Amazônica AP.....	47
Figura 19 - Apresentadora Aline Ferreira da afiliada Rede Amazônica AP.....	47
Figura 20 - Apresentadora Flávia Araújo da afiliada TV Liberal.....	47
Figura 21 - Apresentadora Gabriela Lago da afiliada TV Anhanguera TO.....	48
Figura 22 - Apresentadora Karoliny Santiago da afiliada TV Anhanguera TO.....	48
Figura 23 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Norte do Brasil.....	49
Figura 24 - Apresentadora Mariana Aragão da afiliada TV Bahia.....	51
Figura 25 - Apresentadora Jana Fontenele da afiliada TV Mirante.....	51
Figura 26 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Nordeste do Brasil.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentadores do programa <i>Globo Esporte</i> da Região Sul do Brasil.....	36
Quadro 2 - Apresentadores do programa <i>Globo Esporte</i> da Região Sudeste do Brasi.....	39
Quadro 3 - Apresentadores do programa <i>Globo Esporte</i> da Região Centro-Oeste do Brasil.....	42
Quadro 4 - Apresentadores do programa <i>Globo Esporte</i> da Região Norte do Brasil a.....	44
Quadro 5 - Apresentadores do programa <i>Globo Esporte</i> da Região Norte do Brasil b.....	45
Quadro 6 - Apresentadores do programa <i>Globo Esporte</i> da Região Nordeste do Brasil a.....	49
Quadro 7 - Apresentadores do programa <i>Globo Esporte</i> da Região Nordeste do Brasil b.....	50
Quadro 8 - Ancoragem de Alice Bastos Neves em 2023 sob o prisma das Categorias de Análise.....	54
Quadro 9 - Ancoragem de Catarina Pereira em 2019 sob o prisma das Categorias de Análise.....	55
Quadro 10 - Ancoragem de Karla Izumi em 2023 sob o prisma das Categorias de Análise.....	56
Quadro 11 - Ancoragem de Aline Ferreira em 2022 sobre o prisma das Categorias de Análise.....	57
Quadro 12 - Ancoragem de Jana Fontenele em 2023 sobre o prisma das Categorias de Análise.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UM RECORTE DA HISTÓRIA DO JORNALISMO: O PROTAGONISMO MASCULINO	11
2.1 UMA HISTÓRIA MARCADA PELA REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS	13
2.2 O INGRESSO DA MULHER NO JORNALISMO	18
2.3 ANCORAGEM NO JORNALISMO	22
3 O JORNALISMO ESPORTIVO	24
3.1 JORNALISMO ESPORTIVO E SUAS FIGURAS NO BRASIL	25
3.2 A BARREIRA DO GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO	28
4 ANÁLISE DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE EM ÂMBITO REGIONAL	34
4.1 OS PROGRAMAS POR REGIÃO	35
4.1.1 REGIÃO SUL	36
4.1.2 REGIÃO SUDESTE	39
4.1.3 REGIÃO CENTRO-OESTE	42
4.1.4 REGIÃO NORTE	45
4.1.5 REGIÃO NORDESTE	50
5 SOB A ÓTICA DA METODOLOGIA ANÁLISE DE CONTEÚDO	53
5.1 QUADROS DE ANÁLISE: CATEGORIAS JORNALÍSTICAS	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, raramente as palavras *mulher* e *esporte* se encontravam na mesma esfera, tanto no âmbito prático como no mercado de trabalho. No que diz respeito à prática esportiva, como o futebol, “a figura feminina nesse espaço foi, por muito tempo, marcada por proibições, concessões, transgressões, lutas e conquistas.” (GOMES, 2023, p. 09). Evidentemente que esse processo de exclusão do gênero feminino, na área esportiva, também sugestionou a sua introdução no contexto profissional, que intersecciona jornalismo, esporte e opinião.

Ainda que hoje se possa constatar a presença de mulheres em espaços de destaque no jornalismo esportivo, nem sempre foi assim. Essa conjuntura possui como respaldo a desigualdade de gênero, e ao retomar as memórias da constituição do jornalismo por si só, identifica-se que possui em seu histórico um ambiente masculinizado evidente.

Com o intuito de traçar o cenário atual das mulheres no jornalismo esportivo no Brasil, e responder ao problema de pesquisa: qual a efetiva participação das mulheres na ancoragem do programa *Globo Esporte*, esse trabalho tem como objeto a ser avaliado as transmissões regionais do programa *Globo Esporte*. Para alcançar esse propósito, esse estudo se desdobra em três objetivos específicos: 1) refletir sobre a história do jornalismo e do jornalismo esportivo sob o viés da desigualdade de gênero; 2) identificar a participação feminina na ancoragem do programa *Globo Esporte* regionalmente; 3) analisar a ancoragem das mulheres a partir de categorias determinadas pela metodologia

Para este fim, essa pesquisa foi estruturada em cinco capítulos. O capítulo dois aborda retomadas históricas sobre a constituição profissional do jornalismo. A ideia do capítulo foi delinear figuras e momentos históricos constitutivos desse campo, mas sem esquecer da espinha dorsal conceitual da desigualdade de gênero. O capítulo três se propõe a estreitar a reflexão ao campo do jornalismo esportivo. Desta forma, também são mencionadas figuras e momentos históricos com intuito de traçar um cenário explicativo, assim, sobrepondo ao respaldo teórico conceitual da desigualdade de gênero, verificar como influenciou ou não essa área.

O capítulo quatro apresenta uma descrição do corpus (representação de cada região) da pesquisa. Realiza esse procedimento ao especificar o espaço que as mulheres ocupam em rede nacional, neste caso, na principal emissora e em um dos

principais programas esportivos do Brasil: *Globo Esporte* da Rede Globo. Isso se expressa a partir de um retrato quantitativo. O capítulo cinco expõe uma análise qualitativa diante da setorização de características da ancoragem das jornalistas esportivas sob o respaldo das categorias de análise estabelecidas no processo metodológico.

Por fim, o capítulo seis apresenta as considerações finais da pesquisa realizada, apontando para possíveis respostas aos objetivos propostos, ressaltando as limitações do estudo, no sentido de circunscrevê-lo a uma determinada realidade, e as possíveis ampliações dessa linha de pesquisa.

2 UM RECORTE DA HISTÓRIA DO JORNALISMO: O PROTAGONISMO MASCULINO

A história do jornalismo, desde os fenômenos pré-jornalísticos até o nascimento do jornalismo moderno no século XVII, é marcada pelo protagonismo da figura masculina. Em muitas instâncias, as “representações discursivas da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias” (SOUSA, 2008, p. 05) eram dirigidas por homens.

O primeiro veículo com caráter jornalístico foi criado por Júlio César no Império Romano, e se chamava *Acta Diurna*. Esculpida em pedra ou metal, era uma publicação oficial do Império Romano com objetivo de compartilhar principalmente informações sobre conquistas territoriais, escritas e disseminadas pelos Correspondentes Imperiais¹, conhecidos como os primeiros jornalistas do mundo. Outro fenômeno pré-jornalístico, criado durante o período renascentista, foi o sistema tipográfico de Gutenberg², interpretado como o marco da criação da imprensa impressa, que proporcionou a leitura e disseminação de ideias em grande escala e produção em massa de folhetos.

A partir do século XVII, o jornalismo moderno instituiu-se com a publicação dos primeiros jornais impressos; são figuras masculinas que os instituem, como o “*Aviso Relation oder Zeitung*” publicado em 1609 na Alemanha, com primeiras edições escritas por Lucas Schulte; “*Gazette de France*” com primeira publicação datada em 1631 e fundado por Théophraste Renaudot; “*Gazeta da Restauração*” fundada em 1640 sob comando de D. João IV escrita por Manuel de Galhegos; “*The London Gazette*” fundado por Henry Muddiman em 1665; “*Boston News-Letter*” fundada por John Campbell em 1704 e “*The New-England Courant*” fundado por James Franklin em 1720. No Brasil, os primeiros jornais impressos foram publicados em 1808 em sequência, e chamavam-se “*Gazeta do Rio de Janeiro*”, jornal redigido pelo frei Tibúrcio José da Rocha, e “*Correio Braziliense*”, fundado e redigido por Hipólito da Costa. Jornais regionais também se destacaram, na Bahia, o “*D’Ouro do Brazil*” publicado em 1811 foi fundado por Manoel Antonio da Silva Serva; o “*Sentinela da*

¹ Na criação do *Acta Diurna*, surgiram os Correspondentes Imperiais, os trabalhadores eram destinados para todos os territórios romanos, denominados províncias, para conduzir, noticiar e escrever sobre o que acontecia em cada região.

² “Johannes Gutenberg (1396-1468) foi um inventor alemão, o primeiro a usar a prensa e os tipos móveis de metal, inventos que revolucionaram a técnica de impressão. [...] Em 1434 já era conhecido como um homem de grande habilidade mecânica, proprietário de uma oficina onde ensinava vários ofícios, entre eles o de talhador de pedra, cortador e polidor de espelhos, ourives etc. (FRAZÃO, 2019)

Liberdade na Guarita de Pernambuco” publicado em 1823 pelo Cipriano Barata; Em São Paulo, “*O Farol Paulistano*” foi o primeiro periódico, publicado em 1827 pelo Marquês de Monte Alegre.

Nos séculos XIX e XX, a presença masculina se manteve no comando dos meios de comunicação impressos e se perpetuou na transição para o radiojornalismo. A área começou marcada pela seriedade expressada na voz grave de homens, que era encarada como um aspecto que proporcionava veracidade e transparência aos fatos compartilhados, tendo como principais nomes William Joyce, britânico que ficou em evidência durante a Segunda Guerra Mundial por transmitir propaganda nazista em inglês para o Reino Unido; Willem Duys, holandês que apresentava o famoso programa de entrevistas “*Voor de Vuyst Weg*”; Sven Lindahl, um dos radialistas mais influentes da Suécia; Larry Gogan, radialista irlandês que apresentou por anos o famoso programa “*Just a Minute Quiz*” na *Raidió Teilifís Éireann*. Programas como o “*The World Tonight*” também marcaram a era do radiojornalismo, apresentado pelos jornalistas Douglas Edwards e Walter Cronkite, oferecia uma cobertura abrangente de eventos importantes, incluindo a Segunda Guerra Mundial.

O primeiro programa radiojornalístico no Brasil foi ao ar em 1923, na voz do radialista Edgard Roquette-Pinto, fundador da “*Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*”, que tinha como objetivo principal a transmissão de notícias, mas também abordava pautas como comentários, apresentações musicais e outros conteúdos radiofônicos da época. O primeiro noticiário transmitido por meio do rádio foi o “*Rádio Repórter Esso*”, fundado em 1941 na voz de Heron Domingues, e influenciou a criação do telejornal “*Jornal Nacional*” na *TV Globo*, que foi ao ar no ano seguinte do seu encerramento, em 1969. Outros programas de rádio também se destacaram ao longo de século XX, como o “*Jornal da Manhã*” da rádio *Jornal do Brasil*, com os âncoras Ferreira Netto e Luiz Edgar de Andrade e o programa “*A Cidade Contra o Crime*”, que foi ao ar em 1966 pela voz dos radialistas Samuel Correia e Aluísio Pimentel.

Com o advento da televisão em 1927, os meios de comunicação se adaptaram à nova tecnologia a partir do telejornalismo. O primeiro fenômeno televisivo informativo aconteceu nos Estados Unidos em 1928. “A emissora *WGY* transmitiu simultaneamente em rádio e TV (*WGY*, *2XAF* e *2XAD*): o senhor Al Smith, pré-candidato à presidência pelo Partido Democrata, aceitou a indicação oficial. Foi o primeiro sinal ao vivo (em directo) e o primeiro evento de notícias.” (JORNAL DE ANGOLA, 2016, p.26) Nos Estados Unidos, um dos primeiros telejornais se chamava “*Camel News Caravan*”, estreado em 1949 pela rede de televisão *NBC*, era

apresentado por John Cameron Swayze. No ano seguinte, o Brasil passou a transmitir o seu primeiro telejornal, o “*Imagens do Dia*” pela *TV Tupi* e apresentado por Geraldo Campos.

A retomada histórica dos diferentes meios de comunicação proporcionou a averiguação da predominância masculina na área em questão, não por casualidade, pois o modelo de sociedade patriarcal sempre foi dominante no Ocidente. O controle sobre os corpos e sobre a vida das mulheres esteve presente independente da conjuntura social, cultural, política, religiosa ou econômica de uma sociedade, ou de um país. Segundo o especialista em Constitucionalismo Político, Thiago Burckhart, o sistema patriarcal é um dos mecanismos de dominação das mulheres e aspecto persistente ao longo da história das sociedades.

O patriarcado marca a construção das sociedades ocidentais há milênios, desde a Antiguidade clássica, e pode ser entendido como um sistema político-cultural de opressão que se difunde por meio da dominação simbólica dos detentores do padrão de poder generificado (homens) sobre mulheres e demais seres subjugados. Esse paradigma construiu ao longo da História uma série de representações sociais, culturais e políticas que passaram a ser internalizadas e externalizadas no âmbito das instituições políticas e sociais, entre eles o Direito. (BURCKHART, 2017, p.207)

Posto isso, a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal foi um desafio enfrentado ao longo da história. Para romper com a adversidade da desigualdade de gênero, as mulheres tiveram que se contrapor a posição que às eram designadas, o ambiente doméstico e do cuidado, para reivindicar por espaços tradicionalmente masculinos como a esfera pública.

2.1 UMA HISTÓRIA MARCADA PELA REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS

A luta das mulheres em busca de novos espaços na sociedade, para além daqueles que as eram predeterminados, pode ser datada historicamente a partir do século XVIII com a publicação do livro “*A Vindication of the Rights of Woman*” (1792) escrito por Mary Wollstonecraft. Considerada por muitos historiadores a primeira feminista, Wollstonecraft abordou em seu manuscrito assuntos como: igualdade educacional, autonomia e independência, igualdade política, crítica à cultura patriarcal e crítica ao estereótipo da mulher como ser emocional e irracional. Um marco na luta pela igualdade de gênero, a autora argumenta no livro que a educação, a

independência e o reconhecimento de direitos são os principais caminhos a serem percorridos para corrigir a opressão e injustiça voltada às mulheres.

O feminismo iluminista de Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges compartilha da mesma crença na importância da educação e na universalidade de direitos, fazendo eco a Condorcet. É um feminismo que se opõe à escravidão dos africanos e indígenas e à escravidão doméstica. Ambas viveram tempos históricos em que a mulher estava excluída da educação formal, das universidades e das possibilidades de uma carreira de nível superior. E em que o casamento a transformava numa dependente legal do marido, que não podia gerir os próprios bens nem trabalhar sem consentimento. É a eterna menoridade como destino das mulheres. (WOLLSTONECRAFT, 1792 apud MORAES, 2016, p.11)

O movimento feminista é central na história do processo de reivindicação por direitos das mulheres. Independente do país em que houve organizações da sociedade civil majoritariamente compostos por mulheres, denominados como *movimento feminista*, pode-se estabelecer a universalidade da inconformidade da posição da mulher na estrutura de dominação e conseqüentemente a ausência da mulher nos espaços de poder. A primeira onda feminista, do final do século XIX até o início do século XX, foi impulsionada pela Revolução Industrial³ e seu objetivo era ampliar as oportunidades das mulheres na sociedade industrial urbana, mas com foco no sufrágio feminino.

A chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufragetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2010, p. 15)

Ao longo da história, mulheres de diversas partes do mundo, não satisfeitas com o “lugar da mulher” excludente, driblaram o sistema desigual e conquistaram direitos e espaço de destaque na sociedade. Porém, muitas vezes foram subestimadas e até negligenciadas. Responsável por descobertas emblemáticas e cruciais para o desenvolvimento da ciência, Marie Curie foi uma dessas figuras femininas que enfrentou o sexismo para se inserir no mundo acadêmico das ciências duras, dominado majoritariamente por homens no século XIX. Foi a primeira mulher a ganhar duas vezes o *Prêmio Nobel de Física*, a primeira mulher a lecionar na

³ A Revolução Industrial foi marcada por acontecer um grande desenvolvimento tecnológico, iniciado na Inglaterra na segunda metade do século XVIII trazendo grandes transformações. A revolução estabeleceu a formação do capitalismo.

Sorbonne Université e descobriu e isolou os elementos químicos, polônio e rádio. Mesmo encabeçando todas essas conquistas, em algumas situações, o trabalho de Curie foi atribuído ao seu marido, Pierre Curie, seu colega de profissão. Essa situação que Marie Curie vivenciou reflete o sexismo da época e a tendência de minimizar, desvalorizar ou até mesmo deslegitimar as realizações das mulheres. Outra figura de extrema relevância para as ciências biológicas foi Nettie Stevens, a norte-americana que realizou uma das maiores descobertas da genética. Em 1905, Stevens descobriu que os cromossomos X e Y determinam o sexo, mas sua descoberta foi colocada em dúvida por ser mulher.

Nettie Stevens concluiu que o condicionamento biológico do sexo deveria ser baseado nos cromossomos, e os machos que seriam responsáveis por essa determinação. Na época, a teoria mais aceita era a de que o sexo seria determinado pela fêmea ou por fatores ambientais e, por isso, poucos prestaram atenção aos seus achados. Pouco tempo depois, Edmund Beecher Wilson encontrou independentemente que as bases para determinação sexual seriam os cromossomos X e Y. Em sua publicação, ele reconhece as contribuições de Nettie Stevens que trabalhava no mesmo departamento. (FELISBINO, 2016)

A partir de diferentes áreas de interesse, mulheres reivindicaram o seu lugar e de outras mulheres no mundo do trabalho e na sociedade. *"Um Teto Todo Seu"* (1929), ensaio escrito por Virginia Woolf, aborda questões fundamentais relacionadas à literatura e à condição das mulheres na sociedade e na produção literária. Woolf (1929) denuncia em seu livro que as mulheres eram mantidas, a partir de mecanismos segregacionistas de gênero, em posições subalternas da sociedade, sendo oprimidas e impedidas de exercer funções para além das tarefas domésticas e familiares. Simone de Beauvoir, filósofa e escritora do século XX, foi uma das principais intelectuais do feminismo moderno e compreendia a igualdade de gênero como fator crucial para evolução da sociedade. Beauvoir interpretava o problema da desigualdade de gênero como resultado de uma construção social, ou seja, um processo pelo qual as pessoas criam, compartilham e disseminam significados, valores e normas em sua sociedade, neste caso, valores e normas que desqualificavam as mulheres para determinadas atividades, posições e espaços. No livro *"O segundo sexo"* (1970) a autora realizou uma retomada histórica das condições femininas em diferentes épocas e sociedades, ao analisá-las, pode apontar uma persistência de padrões de opressão e desigualdade de gênero ao longo da história das civilizações e concluir que ter liberdade, autonomia e controle sobre seus corpos e vida são as principais soluções para erradicação da desigualdade de gênero.

A conquista do voto feminino foi primordial para o estabelecimento das ampliações de direitos das mulheres, pois, é um aspecto indispensável quando se fala do exercício da cidadania. Evidentemente que cada país, a depender de sua situação político-social, estabeleceu o sufrágio feminino em um momento da história, porém, até o início do século XX, na maioria dos países, o direito ao voto era exclusivo aos homens. A Nova Zelândia foi pioneira no estabelecimento desse direito, em 1893 tornou-se o primeiro país a confirmar o sufrágio feminino, que só foi conquistado a partir da luta realizada pelo movimento liderado por Kate Sheppard. “Tais movimentos surgiram no ano de 1880, adquirindo força em 1891 com um documento reunindo mais de 9 mil assinaturas, passando a quase 20 mil no ano seguinte e, por fim, em 1893, aproximando-se de 32 mil assinaturas (das quais apenas 21 eram homens).” (CAETANO, 2018, p. 06)

No Brasil, essa evolução democrática teve seu marco 39 anos depois, em 1932, quando as mulheres passaram a serem incluídas no processo eleitoral durante o governo de Getúlio Vargas. Esse direito era limitado a mulheres casadas, viúvas e solteiras com renda própria, foi apenas em 1934 que essas restrições foram eliminadas.

Em muitos países, leis antidiscriminatórias foram implementadas para proteger o direito das mulheres. A *Lei de Igualdade Salarial dos Estados Unidos* determina “Proibir a discriminação em razão do sexo no pagamento de salários por empregadores envolvidos no comércio ou na produção de bens para o comércio⁴.” (Pub. L. 88-38). Promulgada em 1963 para abordar a disparidade salarial de gênero, foi uma emenda à *Lei de Normas Trabalhistas Justas* que proíbe os empregadores de pagar salários diferentes para mulheres e homens que realizem as mesmas atividades, exijam os mesmos esforços, responsabilidades e habilidades. Esse tipo de lei é extremamente importante na luta pela igualdade de gênero no mercado de trabalho.

No Brasil, foi sancionada, em julho de 2023, a Lei nº 14.611 que garante igualdade salarial entre homens e mulheres, além de alterar a Consolidação das Leis do Trabalho (BRASIL, 2023). A ministra das mulheres, Cida Gonçalves, afirmou a importância da lei para uma mudança de cultura e comportamento: “Nós aguardamos por este dia pelo menos 80 anos. Este é um governo que respeita todas as mulheres. A igualdade é um direito fundamental e universal, e é uma necessidade, uma urgência.

⁴ “To prohibit discrimination on account of sex in the payment of wages by employers engaged in commerce or in the production of goods for commerce.

É com igualdade que criamos condições para que todas as pessoas possam estar em todos os espaços.” (GONÇALVES, 2023). Um levantamento realizado pela *Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios* (2019), divulgado pelo IBGE, aponta que em 2019, os homens tiveram 28,7% a mais de rendimento mensal do que as mulheres. A discriminação salarial de gênero é uma realidade que persiste na maioria dos países, sendo uma das atitudes mais visíveis da desigualdade de gênero.

A discriminação de gênero assume muitas formas, desde a desigualdade salarial até a ausência de representação em cargos de liderança, e se perpetua por meio de normas sociais restritivas que reforçam a ideia de que mulheres são inferiores aos homens. Segundo dados da *Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego* (2017), a presença de mulheres no mercado de trabalho cresceu aproximadamente 10% em 27 anos, de 1988 a 2015. Contudo, mesmo com o avanço de oportunidades voltadas ao público feminino, as mulheres seguem sofrendo com a desigualdade em todo o mundo. Em muitos casos, as mulheres recebem salários mais baixos do que os homens pelo mesmo trabalho realizado, e até mesmo quando ocupam cargos de lideranças em empresas.

As mulheres têm vantagem em relação aos homens no contingente de aprendizes e estagiários, com participação de 55,9% e 58,9%, respectivamente. Perdem espaço, no entanto, já a partir dos trainees, com 42,6%. Nos níveis seguintes, estão ainda menos presentes, com porcentagens de 35,5% no quadro funcional, 38,8% na supervisão, 31,3% na gerência, 13,6% no quadro executivo e 11% no conselho de administração. (INSTITUTO ETHOS, 2016, p. 16)

Segundo a socióloga francesa Danièle Kergoat (2009), a divisão sexual do trabalho é resultado das relações sociais entre os sexos, e “tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.)” (KERGOAT, 2009, p. 64). A ausência de mulheres em cargos de liderança em diferentes áreas do mercado de trabalho prova que a discriminação de gênero não está restrita apenas às demandas científicas e acadêmicas, mas em uma gama muito maior de especificidades. As mulheres ainda enfrentam no mercado de trabalho o “mito da fragilidade feminina”, noção subjetiva que marca as mulheres como o famoso “sexo frágil”, “emotivas”, “sensíveis” e “fracas”, tendo suas habilidades de liderança subestimadas e até mesmo sendo colocadas em concorrência com demais mulheres.

Em uma história marcada pela desigualdade de gênero, o mercado de trabalho jornalístico não ficaria de fora, tendo em vista a predominância masculina na área em

questão. Mulheres de diferentes épocas precisaram enfrentar barreiras sexistas para exercer atividades jornalísticas.

2.2 O INGRESSO DA MULHER NO JORNALISMO

A chegada das mulheres no jornalismo foi um processo marcado por mudanças sociais, políticas e culturais, das quais permitiram que as mulheres ingressassem e avançassem nas diferentes carreiras jornalísticas. O avanço da inclusão feminina nos meios de comunicação ocorreu ao longo de décadas e está ligado ao rompimento com as normas de gênero⁵ e à luta por igualdade e oportunidades. Muitas escritoras iniciaram suas carreiras no jornalismo durante o século XIX. “Mulheres queriam se ler e se reconhecer, o que não deixou outra alternativa: os homens passaram a escrever textos mais femininos; até o período em que as próprias assumiram a autoria dos textos e das redações de jornais.” (MONTEIRO, 2022).

O surgimento de revistas e jornais populares, como o *The New York Times* (1851) e a revista *The Economist* (1843), proporcionaram mais oportunidades para as mulheres contribuírem com o jornalismo, principalmente em pautas literárias e sociais. Betsy Wade foi a primeira mulher a editar notícias no *The New York Times*, a jornalista “imediatamente quebrou a prática de 105 anos de edição masculina no departamento de notícias, no qual as mulheres eram raras, relativamente mal pagas e relegadas em grande parte a reportagens sobre moda, culinária e outras ‘notícias femininas’, ou a empregos de escritório ou secretariado” (FERRAZ, 2020). Com o passar dos anos, essas mudanças são cada vez mais frequentes, mas de forma mais significativa, com mulheres ocupando cargos de liderança no mercado de trabalho jornalístico. Em 2014, a britânica Zanny Minton Beddoes foi a primeira mulher a ser nomeada ao cargo mais alto do jornal *The Economist*, como editora-chefe.

Como lembra o jornalista Gideon Lichfield, em texto postado no portal Quartz, esse continua sendo um ambiente dominado por homens – assim como o FMI no início da carreira de Zanny. “Você pode pensar que já estava em tempo [da revista *The Economist* nomear uma editora-chefe mulher], mas ela não deixa de ser praticamente uma pioneira” (LICHFIELD, 2015). Segundo ele, publicações de prestígio sobre negócios, como *Financial Times*, *The Wall Street Journal*, *Washington Post*, *Times* e *Telegraph*, também nunca foram chefiadas por mulheres. O americano *The New York Times* teve sua primeira

⁵ As normas de gênero são ideias sobre como as mulheres e os homens devem ser e agir. Interiorizadas desde cedo, as normas de gênero podem estabelecer um ciclo de vida de socialização e estereotipia de gênero. (EIGE, 2023)

editora-chefe em 2011, e o francês Le Monde em 2013, ambas já deixaram suas posições. (CARVALHO, 2015)

Zahidé Muzart (2003), exemplo de escritora e jornalista do século XX, aponta as pioneiras do jornalismo, como: Josefina Álvares de Azevedo, Corina Coaracy e Carmem Dolores no século XIX e, já no século XX, Gilka Machado e Maria Lacerda de Moura. Muzart (2003) também salienta em seu artigo que o destaque de mulheres na literatura influenciou a inserção de muitas no jornalismo. No final do século XIX e no início do século XX, ocorreu um aumento na presença de mulheres no jornalismo e o movimento sufragista desempenhou um papel importante neste quesito, atuando para além da reivindicação do voto feminino e participação política, mas também na luta por igualdade de gênero no mercado de trabalho formal.

A luta das mulheres pelo sufrágio – seja na Inglaterra, Estados Unidos, no Brasil e em outros países da América Latina – representava o reconhecimento das mulheres de que o voto não era um fim em si mesmo, mas sim uma maneira de intervir no processo político e de ser ouvidas pelos representantes, para assim assegurar e conquistar outros direitos. (SANTOS, 2017, p. 18)

Durante o século XX, as mulheres passaram a desempenhar o papel de jornalistas como um todo, colunistas em jornais, apresentadoras de rádio, à frente de coberturas jornalísticas e não somente como participantes ou co-autoras. Ida B. Wells se destacou no mundo do jornalismo nesse período, a afro-americana foi precursora na utilização de ferramentas jornalísticas na luta contra a supremacia branca e a segregação racial.

A experiência de Wells com a perda de seus amigos devido a crimes de ódio e violência racial a influenciou a escrever sobre a injustiça racial no sul. Com seu jornalismo, ela esclareceu o público sobre o linchamento ilegal de afro-americanos e mais tarde publicou *Southern Horrors: Lynch Law in All Its Phases*. em 1892, um panfleto de pesquisa que analisava o verdadeiro raciocínio por trás da onda de violência contra os afro-americanos no sul. Após a sua investigação, Wells concluiu que o linchamento foi um acto de retaliação ao progresso económico dos negros, uma vez que os brancos rurais estavam agora em competição com os afro-americanos.⁶ (FRIMPONG, 2018)

Além de Wells, Dorothy Thompson também abriu espaço para mulheres no jornalismo investigativo. A jornalista americana marcou a história do rádio no século

⁶ Wells' experience of the loss of her friends to hate crimes and racial violence influenced her to write about racial injustice in the south. With her journalism she enlightened the public on unlawful lynching of African-Americans and later on went to publish *Southern Horrors: Lynch Law in All Its Phases* in 1892, a research pamphlet which analyzed the true reasoning behind the surge of violence against African-Americans in the south. After her research Wells concluded that lynching was an act of retaliation towards black economic progress since rural whites were now in competition with African Americans.

XX levando notícias emblemáticas do avanço nazista na Europa, a jornalista entrou despercebida no castelo do Rei Carlos I e de lá relatou os fatos para a imprensa americana. Entre os anos de 1930 e 1940 “ela exortou os seus concidadãos americanos a prestarem atenção à ameaça que a Alemanha nazi representava para a democracia e para os judeus da Europa.”⁷ (United States Holocaust Memorial Museum, 2018).

A segunda onda do movimento feminista, nas décadas de 1960 e 1970, produziu impacto significativo nos meios de comunicação para a inclusão de mulheres nos mesmos. Mulheres jornalistas aderiram a luta feminista e começaram a reivindicar por igualdade salarial e por posições de liderança em organizações de midiáticas. No Brasil, Rachel de Queiroz está entre as pioneiras que se aprofundaram no jornalismo no século XX. Foi a primeira mulher que escreveu crônicas para o jornal “*O Estado de São Paulo*” e ingressou na *Academia Brasileira de Letras* em 1977. Maria Beatriz Roquette Pinto se destacou como a primeira radialista do país e estreou diversos programas na *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* durante a década de cinquenta e sessenta. Outra figura feminina emblemática e representativa foi Glória Maria, primeira repórter negra da televisão brasileira, em 1971, evidenciou-se em posições que não eram ocupadas muitas vezes por mulheres e muito menos por negras, além disso, foi a primeira repórter a entrar ao vivo durante uma edição do *Jornal Nacional*, programa da *TV Globo*, em 1974.

Ao longo do estabelecimento das mulheres nesse mercado de trabalho, pautas como violência contra mulher, assédio no ambiente de trabalho, igualdade salarial e de oportunidades e saúde da mulher começaram a aparecer com evidência nas coberturas midiáticas. Segundo a *Associação de Investidores Sociais Privados do Brasil* (2021), 92% das pessoas acreditam que mulheres sofrem mais situações de constrangimento e assédio no ambiente de trabalho do que homens.

Enquanto 40% das mulheres afirmam que já tiveram, em algum momento de sua trajetória profissional, seu trabalho excessivamente supervisionado, para os homens a porcentagem é de 16%. Também é maior para elas as vezes em que foram xingadas: 40% contra 13% entre eles. Mulheres também enfrentam desafios para serem ouvidas: 37% afirmam que suas opiniões ou pontos de vista não são levados em consideração, contra 16% entre homens. Ser elogiada de forma constrangedora por uma pessoa do sexo oposto ou receber convites

⁷ Throughout the 1930s and '40s, she urged her fellow Americans to pay attention to the threat that Nazi Germany posed to democracy and to Europe's Jews. In 1939, Time magazine called Thompson and First Lady Eleanor Roosevelt “undoubtedly the most influential women in America.

para sair também é mais comum entre elas: 36 e 39%, respectivamente, contra 8 e 9% entre eles. (GIF, 2021)

Com objetivo de mapear os limites que as questões de gênero impõem ao desempenho de repórteres, fotógrafas, editoras ou executivas de mídia, a *Gênero e Número* e a *Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo*, com o apoio do *Google News Lab*, lançaram a pesquisa “Mulheres no Jornalismo Brasileiro” (2017). Foram entrevistadas jornalistas brasileiras, com perguntas elaboradas para captar suas experiências no mercado de trabalho em busca de questões que as afetam nesse ambiente. De acordo com a pesquisa, 73% das jornalistas afirmaram já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual sobre mulheres no ambiente de trabalho.

Entre as jornalistas mulheres que responderam à pesquisa, 86,4% admitiram já ter passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho, enquanto somente 13,6% não assinalaram nenhuma experiência de discriminação. Dentre as situações listadas, aquela que foi apontada como mais comum foi a distribuição de tarefas no ambiente de trabalho conforme o gênero dos jornalistas, seguida por obtenção de promoção no emprego, oportunidade de trabalho, obtenção de aumento e, por fim, determinação de escalas de horário. (Mulheres no Jornalismo Brasileiro, 2017, p. 16)

O assédio no local de trabalho pode assumir várias formas, portanto, é comum passar despercebido tanto pelas vítimas como pelas pessoas que presenciam a situação. O assédio mais presente nos ambientes corporativos é o moral/psicológico, caracterizado por formas silenciosas de violência, com objetivo de desestabilizar a condição psicoemocional. Este se expressa a partir de situações vexatórias, sobrecarga de atividades, exclusão de autonomia, agressões verbais e físicas. O assédio sexual também é reportado por mulheres no ambiente de trabalho, e se expressa a partir de propostas constrangedoras que violam a liberdade sexual da vítima, ameaça para obter vantagens sexuais, insinuações sobre atributos físicos, contato físico indesejado e convites impertinentes. Segundo o *Governo Federal*, na Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, “o assédio moral ou sexual não está expressamente previsto como ilícito disciplinar. A conduta caracterizadora do assédio acaba sendo amoldada a outros tipos normativos, sendo passível de reprimenda, a depender da situação, em decorrência de inobservância de dever funcional” (GOV.BR, 2023). Além desta, também foi caracterizado o assédio sexual por chantagem como crime na Lei nº10.224, de 15 de maio de 2001.

A maioria das mulheres têm um diferencial em suas vidas quando comparadas aos homens, a gravidez. Em 2019, um estudo realizado por pesquisadores da *Fundação Getúlio Vargas* (FGV) divulgou que metade das gestantes trabalhadoras no Brasil são demitidas após o fim do prazo da licença-maternidade. “Os resultados obtidos foram que a probabilidade de emprego das mães no mercado de trabalho formal aumenta gradualmente até o momento da licença, e decai depois. Além disso, a queda no emprego se inicia imediatamente após o período de proteção ao emprego garantido pela licença (quatro meses).” (NETO, 2019). A maternidade para muitas mulheres é considerada um momento ímpar, mas quando alinhada à carreira profissional pode se tornar complexa e desafiadora. Não é em vão que muitas mulheres experienciam o dilema “ter ou não ter filhos”, “escolher ser mãe ou escolher a carreira”, pois sabem os desafios e preconceitos que enfrentam no mercado de trabalho se caminho da maternidade for o escolhido. “De 247 mil mães, 50% foram demitidas após cerca de dois anos da licença-maternidade” (NETO, 2019)

Apesar dos avanços conquistados pelas mulheres no mercado de trabalho jornalístico, o sexismo, a discrepância salarial e o assédio ainda são pautas enfrentadas na atualidade na indústria do jornalismo. As mulheres jornalistas continuam a lutar por igualdade de oportunidades e por um ambiente de trabalho inclusivo e respeitoso, mesmo já ocupando papéis nos diversos nichos da área.

2.3 ANCORAGEM NO JORNALISMO

A figura do âncora no jornalismo sempre cumpriu um papel de extrema relevância. Ser o rosto do programa jornalístico é um dos fatores a agregar destaque a essa categoria que guia e apresenta as notícias. Sua responsabilidade vai além de relatar informações, o âncora precisa transmitir segurança, imparcialidade, clareza e construir uma relação de confiança com a audiência. De acordo com Sebastião Squirra (1993) algumas das habilidades essenciais de um âncora variam entre apresentar os fatos de forma contextualizada, saber construir perguntas oportunas e ter dicção compreensível, “é que tenha uma boa voz e dicção clara e eficiente” (1993, p. 16).

No telejornalismo, sempre coube à figura do âncora o papel de interligar os acontecimentos dentro do telejornal e buscar a interação do conteúdo noticioso com seu público. A forma carismática com que eles procuram transmitir as notícias contagia tanto o público, que não são raras as circunstâncias em que o telespectador, através do aparelho televisor, responde às interações propostas pelos

interlocutores. Por estar na vitrine do telejornal, compete a ele a função de abrir as portas para esse diálogo entre mídia e receptor. (BRITTOS E RÜHEE, 2007, p. 51)

Brittos e Rühee (2007) apontam para uma característica intrínseca à comunicação do âncora, a mensagem que a emissora quer passar, que na maioria das vezes não está racionalmente evidente ao telespectador, desta forma, a emissora consegue transmitir, por meio das ancoragens de seus programas, determinados interesses e tendências.

A partir do entendimento do papel do âncora é possível compreender qual a mensagem que a emissora de TV está tentando passar, na medida em que o substrato ultrapassa os limites da simples informação. É possível observar quais os interesses que estão por trás desta figura, que funciona como porta voz da empresa. (BRITTOS E RÜHEE, 2007, p. 52)

Squirra (1993) ao retomar a trajetória da figura do âncora no mundo, destaca, a partir do telejornalismo norte-americano, o uso do termo “*anchorman*”, “*anchor*” é âncora e “*man*” é homem em inglês. Desta forma, percebe-se que a posição de âncora foi designada a uma figura masculina, e isso se refletiu até no termo usado para se referir a esse cargo jornalístico. Demorou algumas décadas para a primeira mulher ocupar essa posição de destaque no jornalismo televisivo. Segundo Krüger e Negrini (2017), Barbara Walters estreou essa posição em 1976, “âncora do ABC Nightly News, noticiário noturno que já contava com a ancoragem do famoso Harry Reasoner.” (KRÜGER E NEGRINI, 2017, p. 32)

3 O JORNALISMO ESPORTIVO

No século XIX, jornais populares começam a abordar a pauta esportiva em seus periódicos, considerados os precursores do jornalismo esportivo, abordavam uma vasta variedade de esportes, em meio às notícias, como: natação, pesca, caça, turfe, canoagem, boxe, bilhar, futebol, entre outros (FERREIRA, 2023). “O *Bell's life in London*⁸ (1823) foi o primeiro a publicar notícias esportivas, os primeiros periódicos especializados tendo se estabelecido em meados do século XIX foram: *The Field* (1853); *Les Sports*⁹ (1854), *Le Sport nautique* (1860) e *The Sportsman*¹⁰ (1865).” (ARON et al., 2021, p. 10).

O jornalismo esportivo, no Brasil, conquistou espaço na passagem do século XIX para o século XX. Os principais jornais do país começaram reservando lugares em seus periódicos para falar sobre esporte, no entanto, com o passar do tempo, surgiram jornais especializados no assunto, como a *Gazeta Esportiva*¹¹ (1902) e o *Jornal dos Sports*¹² (1931).

A crescente inserção do jornalismo esportivo nos meios de comunicação marcou o século XIX e se manteve em ascensão no século seguinte. “Antes da Primeira Guerra Mundial, o esporte ocupava 6% do espaço de divulgação dos jornais franceses (Tétard, 2007); após a Segunda Guerra Mundial, passa a ocupar 13,5% dos jornais parisienses e 30% da imprensa regional (Seidler, 1964).” (ARON et al., 2021, p. 11). Apesar do número relevante de jornais esportivos, não foi fácil o estabelecimento dessa subcategoria profissional específica, de jornalista esportivo, principalmente pelo julgamento proveniente de jornalistas institucionalizados, representantes oficiais dessa profissão, pois as figuras que representavam o jornalismo esportivo nem sempre eram jornalistas por formação.

⁸ Bell's Life in London e Sporting Chronicle era um jornal esportivo semanal inglês. Entre 1824 e 1852 foi editado por Vincent George Dowling, "durante esse período se tornou o principal jornal esportivo da Grã-Bretanha, sem o qual nenhum domingo de cavalheiros estaria completo" (MAGGS, 2023)

⁹ O jornal Le Sport, lançado em 1854, é considerado o primeiro título de notícias esportivas da França. (FRANCE ARCHIVES, 2023)

¹⁰ Predominantemente preocupado com corridas de cavalos, o jornal cobriu outros esportes e continuou a ser publicado até 1924, quando foi absorvido pela Sporting Life. A última edição foi publicada no sábado, 22 de novembro de 1924.

¹¹ Antes de se transformar em um jornal diário e independente integralmente dedicado aos esportes, nasceu como um suplemento semanal. Foi um tabloide distribuído às segundas-feiras. Era encartado no jornal A Gazeta, fundado em 16 de maio de 1906 pelo poeta simbolista, advogado e jornalista Adolfo Campos de Araújo.(GAZETA, 2017)

¹² Foi um diário de notícias esportivas do Rio de Janeiro, tendo sido fundado pelo jornalista Argemiro Bulcão em 13 de Março de 1931. Sua última edição circulou no dia 10 de abril de 2010.

Mas o jornalismo esportivo ocupa um lugar peculiar na história do jornalismo em geral. O discurso sobre a imprensa esportiva era produzido pelos próprios atores da área, à medida que se desenvolvia a consciência da necessidade de se formar uma subcategoria profissional específica, que geralmente se originava de uma dupla prática, a do/as próprio/as esportistas que passaram a escrever, ou ainda a do/as jornalistas amadores/as de esporte. Essa conjunção, que certamente influenciou a constituição de um modo particular de profissionalização, também é responsável pelo diálogo tardio entre historiadores esportivos e historiadores da imprensa. (ARON et al., 2021, p. 10)

Ademais, conforme Guerra (2015), o jornalismo esportivo, uma das ramificações do jornalismo, ao longo de sua história, precisou conviver com o preconceito perante o seu “fazer jornalístico”, que em muitas instâncias era deslegitimado e inferiorizado diante de outras áreas do jornalismo. Porém, muitos não contavam com o poder da comunicação esportiva, que foi capaz de auxiliar na validação e estruturação dessa profissão de tal maneira a cativar diversos públicos. “E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra.” (JUNIOR, 2017, p.05 apud GUERRA, 2015)

3.1 JORNALISMO ESPORTIVO E SUAS FIGURAS NO BRASIL

A era do rádio marcou o jornalismo esportivo devido às transmissões esportivas que iniciaram nos anos de 1920 à medida que o rádio se tornou uma forma popular de entretenimento. “Durante toda a década de 20 acontece uma verdadeira ‘febre radiofônica’ pelo Brasil. Ainda não era um fenômeno de comunicação de massa, mas já ia conquistando o espaço que faria do rádio, parte da história brasileira” (GUERRA, 2020). Nessa época, as rádios eram chamadas de associações, clubes e sociedades, pois, como não transmitiam propagandas, quem as sustentava eram seus ouvintes associados. “Como a publicidade ainda era proibida, as emissoras costumavam ser projetos que eram pagos por mensalidades de seus sócios. Daí as rádios serem sempre chamadas de clubes ou sociedades.” (GUERRA, 2020).

Em 1925 que tem início a programação esportiva no rádio brasileiro, com a rádio Educadora de São Paulo. Numa tarde de Domingo de abril desse ano, a rádio transmitiu os resultados dos jogos de futebol da “capital, interior e estrangeiro”. Nesse período as transmissões não eram feitas diretamente dos estádios de futebol. Enviados das rádios aos jogos mandavam telegramas contendo os resultados das partidas. Com esse material em mãos, os locutores passavam as notícias aos ouvintes. (GUERRA, 2020)

Apesar de cobrir múltiplos esportes, o futebol foi o que mais se destacou nesse meio de comunicação, segundo Chaves (2020), o rádio foi crucial na aderência do futebol como um esporte de massa mundialmente praticado e assistido. “A primeira transmissão por rádio de um jogo de futebol no Brasil se deu no dia 19 de julho de 1931, pela Rádio Educadora Paulista, por meio da voz do locutor Nicolau Tuma, que narrou o confronto entre as seleções de São Paulo e do Paraná, no Campo da Floresta, na capital paulista.” (CHAVES, 2020).

Os jornalistas esportivos foram conquistando a audiência do público e, conseqüentemente, programas ao vivo. As locuções de Fiori Gigliotti marcaram a história do jornalismo esportivo, um dos principais narradores da história do rádio brasileiro, se destacou na *Rádio Bandeirantes* e na *Rádio Record AM* a frente das programações esportivas e era conhecido por suas frases marcantes ao longo das narrações como: “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo...”; “O tempo passa...”; “Tenta passar, mas não passa!”; “Crepúsculo do Jogo”; “Aguenta coração!”; “Uma Beleeeezza de Gol!”; “Um beijo no seu coração” (TERCEIRO TEMPO, 2023). Januário de Oliveira foi uma das inconfundíveis vozes da locução esportiva brasileira e também assumiu uma narrativa de conexão com os ouvintes a partir dos bordões “ Taí o que você queria, bola rolando; ”Acha pouco, quer mais e vai à luta”; “Ele sabe que é disso, é disso que o povo gosta!”; “Tá láaaaa um corpo estendido no chão”; “Cruel, muito cruel”; “Sinistro, mas é muito sinistro”; ‘E o goooooooooooooool!” (GE, 2021). José Carlos Araújo, mais conhecido como “garotinho”, iniciou sua carreira na rádio *Roquete Pinto* e passou pelas rádios *Rádio Nacional*, *Rádio Globo*, entre outras e cobriu a primeira transmissão internacional de futebol em 1969. De acordo com Gonçalves e Camargo (2016) o rádio exerceu uma influência tão significativa no cenário esportivo que as transmissões esportivas foram e continuam sendo profundamente moldadas por sua presença.

Os mesmos jornalistas e locutores que eram do rádio foram para a televisão, levando consigo a mesma linha narrativa, ou seja, descreviam a partida, embora as imagens falem por si só, e muitos telespectadores achavam maçantes as transmissões pela televisão, por isso a deixavam ligada e ouviam a partida pelo rádio, porque era mais emocionante. (GONÇALVES CAMARGO, 2016, p. 09)

Os primeiros programas esportivos da televisão brasileira foram ao ar na segunda metade do século XX. Alguns que se destacaram nessa transição foram: “*Grande Jornada*” que estreou na *TV Tupi* em 1952, apresentado por Geraldo José de Almeida, conhecido como “Canhoteiro”; “*No Mundo do Esporte*” em 1953 apresentado por Luís Alberto; “*Show do Esporte*” que estreou na *TV Record* a partir da voz do

locutor e comentarista esportivo Jorge Cury em 1966 e o “*Mesa Redonda Esportiva*” que estreou em 1970 com a participação dos jornalistas esportivos Milton Peruzzi, José Italiano, Peirão de Castro, Roberto Petri e Dalmo Pessoa.

Já nos anos 60, ocorre o declínio da rádio Pan-Americana, que era considerada A Emissora dos Esportes, anunciando o declínio de outras rádios, por causa da televisão, que direcionou as cotas de publicidade, patrocinadores e audiência. Com isso, as rádios tiveram que passar por um processo de reformulação e encontrar saídas para cobrir esse espaço. (GONÇALVES E CAMARGO, 2016, p. 09)

Partindo para o jornalismo esportivo do final do século XX e início do XXI, a conjuntura já apontava para determinada evolução em relação a sua legitimação e reconhecido dentro de um cenário que pregava pelo “jornalismo fidedigno”. O avanço da tecnologia impulsionou várias mudanças significativas nessa área, e com o crescimento das mídias digitais houve um aumento expressivo do consumo de pautas esportivas. Além da popularização das coberturas esportivas nas emissoras de televisão, o surgimento de canais esportivos marcou a era tecnológica. Canais de televisão dedicados ao esporte, como *ESPN*, *Fox Sports* e outros, ganharam destaque e ampliaram a cobertura de diferentes esportes e eventos.

Programas esportivos estão cada vez mais em evidência na televisão, principalmente se olharmos para os canais fechados do Brasil. O futebol, hoje em dia, não é mais o único esporte que atrai os olhos dos brasileiros e, por isso, emissoras capricham cada vez mais em atrações voltadas para os públicos que gostam, além do futebol, de automobilismo, tênis, basquete, vôlei etc. (BRETONES, 2010, p. 49)

A televisão brasileira conta, e contou, com vários jornalistas esportivos notáveis, que são conhecidos por sua cobertura de eventos esportivos e programas dedicados ao esporte. Da *TV Globo*, durante muitos anos, Reginaldo Leme, Galvão Bueno e Cléber Machado foram a cara do esporte na emissora. O canal *Sportv* foi o primeiro canal totalmente esportivo do Brasil. Fundado em 1991, “nessa trajetória, Galvão Bueno estreou o Bem, Amigos em 2003. Luis Roberto comandou o Redação em 2004. Outras figuras do jornalismo esportivo também se destacaram tanto nos programas esportivos como coberturas e narrações, como: Alex Escobar apresentou o Tá na Área a partir de 2005.” (GE, 2021). Além desses destaques, na atualidade, Milton Leite, Luiz Roberto, Téo José, Benjamin Back e Maurício Noriega são outras figuras populares do jornalismo esportivo televisivo.

A partir da retomada histórica, do jornalismo esportivo, anteriormente realizada, demonstra-se com nitidez a predominância masculina nessa área de atuação. “Como assinala Eric Dunning (2014), essa arena se constitui como um dos espaços legítimos

de expressão da masculinidade hegemônica¹³. As mulheres são sistematicamente excluídas, invisibilizadas e sofrem violência física e simbólica nesse campo.” (PACHECO E SILVA, 2020, p. 02). Da prática esportiva até o esporte como lugar de expertise intelectual, as mulheres foram banidas, Bruce Kidd (1990) indica que os esportes são um campo fértil para a manutenção do poder masculino e de seus privilégios. O autor aponta para constantes desencorajamentos que têm por objetivo a exclusão das mulheres na prática e fruição dos esportes. (PACHECO E SILVA, 2020, p. 02).

Posto isso, a prática profissional do jornalismo esportivo não ficou de fora da desigualdade de gênero. Neste sentido, é pertinente saber sobre: Quando as mulheres furaram essa bolha majoritariamente masculina.

3.2 A BARREIRA DO GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO

Partindo das evidências históricas e teóricas apresentadas anteriormente, fica irrefutável a interpretação de que o universo do jornalismo e especificamente do jornalismo esportivo é avaliado como um espaço predominantemente masculino. Adentrar em uma área duplamente dominada por homens, tanto sob o recorte do jornalismo como mercado de trabalho, como no contexto esportivo, não é uma tarefa fácil para as mulheres que buscam destaque nesse ofício, levando em consideração que é um movimento de quebra de padrões e preconceitos arraigados há décadas.

Hargreaves (1994) e Garry Whannel (2006) reforçam que o jornalismo esportivo é controlado por homens quando evidenciam que os discursos, imagens e suas mensagens são direcionados, na sua maioria, para uma audiência masculina que é naturalmente pensada como público-alvo. Além disso, essas relações vão além do nível de produção de discursos e imagens, pois se inserem na dinâmica do próprio campo do jornalismo esportivo, direcionando as mulheres para certas atividades e revelando impedimentos e entraves no exercício da profissão. (PACHECO E SILVA, 2020, p. 02).

Nesse sentido, o manejo dos estereótipos de gênero¹⁴, expectativas sobre homens e mulheres, de como eles devem agir, quais papéis devem cumprir ou quais

¹³ A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013, p. 241)

¹⁴ “Os estereótipos de gênero são incorporados na realidade do indivíduo e têm como propósito padronizar os mesmos, criando estigmas, determinando lugares e disposições sociais (BOURDIEU, 2002) que irão se desenvolver de maneira diferente na vida de cada um, podendo tanto aprisionar o sujeito em uma única esfera social, como dar liberdade para que ele desenvolva suas habilidades e se construa socialmente sem restrição ou medo. Todavia, considerando que a sociedade é estruturada mediante o sistema patriarcal, no qual “as mulheres são excluídas da condição de “indivíduos” e,

características devem possuir (PANTYS, 2022), está inerente a esse campo profissional, ao passo que age como um mecanismo predeterminante de marginalização e supressão de mulheres. Esses estereótipos de gênero operam a partir de estigmas machistas do “fazer jornalístico esportivo”, que se apresenta intrínseco aos homens e excêntrico às mulheres.

Sendo a sociedade brasileira ainda marcada por valores sexistas e androcêntricos, podemos apontar que a baixa participação feminina no jornalismo esportivo indicada nesta pesquisa não é uma coincidência ou decorrente de melhor capacidade masculina em relação ao jornalismo e ao esporte, mas resultado de estereótipos de gênero naturalizados historicamente por meio de uma trajetória de exclusão feminina. (BUENO E MARQUES, 2020, p. 124)

Sendo assim, para que as mulheres participem deste mercado, a primeira barreira a ser superada é a desigualdade de gênero no jornalismo profissional, e a segunda barreira é a área temática esportiva, que de acordo com Meirelles (2022) está ligada a uma concepção histórica de masculinidade e feminilidade, em que respectivamente a primeira se iguala a coragem, assertividade e força emocional e física, enquanto a segunda se equipara à passividade, dependência e fraqueza. À vista disso, essa concepção de masculinidade, ao longo da história, aderiu-se ao âmbito esportivo, determinando estereótipos de gênero que delimitam quaisquer que sejam a participação nesse universo. “O esporte oferece uma “prova” tangível e empírica de que a diferença de gênero é a hierarquia de gênero: os homens correm mais rápido, batem mais forte e pulam mais alto do que as mulheres” (MEIRELLES, 2022, p. 45).

Nesse sentido, as definições da feminilidade são vistas em termos de sua diferença (“alteridade”) da masculinidade. O ponto saliente dessa diferenciação androcêntrica socialmente construída é que, por meio dessas definições históricas, as mulheres são percebidas não apenas como “diferente de”, mas como “menor que” os homens. Dessa maneira muito importante, a diferenciação de gênero passa a ser igualada à hierarquia de gênero, e a hierarquia de gênero se traduz em supremacia masculina. Como Duncan (1990) argumentou, “*essas diferenças culturalmente construídas tendem a conferir poder aos homens e limitar o poder às mulheres*”. (MEIRELLES, 2022, p. 45)

A dominação masculina, para Bourdieu (2007), está circunscrita a uma concepção simbólica, ou seja, é do campo irracional, e atua como instrumento a gerar naturalização das desigualdades entre os sexos, com objetivo final de dominação dos

portanto, de participar do mundo público da igualdade, do consentimento e das convenções” (PATEMAN, 1996, p.58), não há como o sexo feminino se desenvolver livremente, à medida que os homens estão em posições sociais hierárquicas e controlam tanto a esfera pública, quanto à privada.” (DUARTE E SPINELLI, 2019, p. 128)

corpos femininos sob forma de violências, muitas vezes simbólicas. “Os princípios fundamentais da visão androcêntrica¹⁵ do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais” (BOURDIEU, 2007, p. 156).

Sendo o esporte um espaço predominantemente dos homens, é um campo em que o poder de dominação masculina aparece com: [...] uma violência simbólica, uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólica da comunicação, do conhecimento, ou, mais precisamente, do descobrimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2007, p.08, apud BRUM E CAPRARO, 2015, p. 961)

Diante disso, as precursoras do jornalismo esportivo além de terem quebrado uma barreira edificada há séculos, “também quebraram (ou pelo menos fragilizaram) o conceito simbólico da associação dessas duas esferas (jornalismo e esporte) como de interesse e competência exclusivamente masculinos” (BUENO E MARQUES, 2020, p.115). Mas apesar de terem rompido com os entraves iniciais, e aberto o caminho para as próximas mulheres, questões centrais na luta das jornalistas esportivas seguem sendo pontuadas até a atualidade, como: falta de credibilidade profissional, subestimação de conhecimento esportivo, desconsideração da presença nos espaços de jogos, assédio, falta de representação em cargos de liderança, disparidade salarial e omissão de reconhecimento.

Segundo Almeida (2018), a partir da década de 1990 o quadro feminino dentro das redações esportivas começou a crescer, mas não se igualou ou ultrapassou o número de homens. Trabalhando com a porcentagem de 10% de mulheres nesse campo profissional no início nos anos 2000, Almeida (2018) reitera a barreira que o preconceito de gênero gera nessa área ao enfatizar a perpetuação de estigmas como: “mulheres não entendem de esporte”, “esse não é um espaço feminino”, “mulher e futebol não combinam”, entre outros. Coelho (2003) aponta para como o jornalismo esportivo é uma área em que o machismo se expressa a partir da exclusão de mulheres em editorias como de futebol e são direcionadas para outras interpretadas como mais acessíveis para elas.

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre

¹⁵ Androcentrismo refere-se à supervalorização do homem, e de suas experiências e comportamentos, não assumindo os seres humanos como igualitários, geralmente desvalorizando as experiências das mulheres ou a busca pelos seus direitos. (DICIO, 2023)

futebol e automobilismo. Território onde o machismo ainda impera. (COELHO, 2003, p.35)

Conforme Santos (2012), o tratamento dado à prática da Educação Física e Esportes pelas mulheres refletiu a ideologia predominante na sociedade da época, que enfatizava o papel da mulher na maternidade e, por esse motivo, acreditava que ela deveria ser protegida de certas atividades físicas, o que reforçava a visão da figura feminina como exclusivamente associada à maternidade.

“... A Educação Física da Mulher deve ser, portanto, integral, higiênica e plástica e, abrangendo com os trabalhos manuais os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todos compatíveis com a delicadeza do organismo das mães...”. (CASTELLANI FILHO, 1989, p. 89)

Estabelecer quem foi a primeira jornalista esportiva é uma tentativa complicada, porém é possível mencionar as pioneiras desse campo profissional. Conforme Pedroza (2017) Maria Helena Rangel foi uma das primeiras jornalistas esportivas do Brasil. A jornalista iniciou sua carreira na *Gazeta Esportiva* em 1947 e “além de jornalista, era atleta de arremesso de disco, onde ganhou competição por oito anos seguidos e já havia se formado em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP) anteriormente (RAMOS apud DANTAS, 2016, p.37)”. Regiani Ritter integrou ao mundo do esporte e jornalismo na década de 1980 na Rádio Gazeta, e foi uma das primeiras mulheres a tornar-se repórter e comentarista esportiva.

Primeira mulher ocupar a função de repórter de campo no Brasil, Regiani Ritter comentava futebol, à época, no programa Mesa Redonda, da TV Gazeta, e recorda com clareza daquele comentário repetido por Milton Neves e de quando previu a eliminação da seleção brasileira assim que Telê Santana foi anunciado como o treinador. Nas duas ocasiões, ela foi xingada e escutou que "mulher não entende nada de futebol". (ROZENBERG, 2023)

Luciana Mariano, segundo Daga (2018), jornalista da *ESPN*, foi a primeira narradora de futebol da televisão brasileira, pela Bandeirantes, que em 1997 cobriu o Torneio Primavera, uma espécie de Rio-São Paulo do futebol feminino. Passou pela Rádio Difusora fazendo o “fala-povo”, entrevistas com o público, e também atuando em jornadas esportivas.

Narrar futebol foi o maior desafio que já enfrentei até hoje. Eu não tinha nenhuma referência de mulher narradora na TV. Eu não tinha para quem olhar. Quem vou imitar? Na dúvida, no começo, você imita alguém até criar um estilo próprio. Todos os meus exemplos eram masculinos. E agora, quero oferecer o que eu não tive”, disse ao *espnW*. (DAGA, 2018)

Na análise da história do jornalismo esportivo realizada por Santos (2012), a autora ressalta o apontamento de Ramos (2006) que reitera que quando as mulheres decidiram “soltar o verbo”, ou seja, expressar e compartilhar suas opiniões e conhecimentos sobre esportes como basquete, rali, automobilismo, futebol e várias outras modalidades esportivas, esse movimento enriqueceu o jornalismo como um todo e, em particular, quebrou barreiras preconceituosas do jornalismo esportivo.

A virada para o século XXI marcou o jornalismo esportivo diante da revelação de um número significativo de mulheres integrando o campo. Fernanda Gentil foi uma delas. Estreou como repórter do programa “*É Gol*” do *Sportv* em 2009 dividindo as câmeras com os jornalistas Lucas Gutierrez e Gustavo Werthein. “Em fevereiro de 2010, Fernanda enfrentou seu primeiro grande desafio no SporTV: ancorar ao vivo a Olimpíada de Inverno no Canadá.” (MEMÓRIA GLOBO, 2021). Em 2015, foi promovida para apresentadora do “Globo Esporte” do Rio de Janeiro, no ano de 2016 se tornou âncora do “*Esporte Espetacular*” ao lado de Flávio Canto.

No automobilismo, Mariana Becker se destacou como repórter, mas começou sua jornada em 1994 com editora esportiva da Rede Globo. Migrou para as coberturas automobilísticas, principalmente da *Fórmula 1*, em 2008 pela mesma emissora, que ficou até ser contratada pelo *Grupo Bandeirantes* em 2021 para atuar na mesma área esportiva. A jornalista também relatou, durante uma entrevista com o jornalista Reginaldo Tomaz, momentos em que lidou com o assédio e violência na sua trajetória profissional:

“Só descobri a força do preconceito quando comecei a trabalhar. Eu me perguntava: 'Por que tal pessoa está falando assim comigo? Por que não posso fazer tal coisa?'. Eu não sabia como lidar. Não estava preparada para isso”, admite. Um episódio marcante, ainda no início da carreira, foi em uma etapa do Mundial de Surfe. “Eu falei: 'Você não pode fazer isso comigo'. Ele argumentou que eu estava toda simpática antes e agora não o queria. Eu respondi: 'Ser simpática é uma coisa, colocar a mão em mim é outra'”, lembra. (TOMAZ, 2022)

A primeira mulher a integrar a equipe do programa “*Esporte Capixaba*” da *TV Capixaba*, Bárbara Coelho, está entre as jornalistas esportivas que marcaram o início da atuação feminina na profissão. Em 2013 iniciou sua carreira no *Sportv*, atuando nos programas: “*Tá na área*”, “*Sportv News*”, “*Bom Dia Sportv*” e “*Central da Copa*” fazendo também coberturas da Copa do Mundo da Rússia e Olimpíadas de Tóquio e do Rio de Janeiro, além disso, Bárbara ganhou destaque como apresentadora do *Esporte Espetacular* em 2018. Durante uma reportagem relacionada às mulheres no esporte,

vinculada ao Dia Internacional da Mulher, a jornalista apontou as barreiras da desigualdade de gênero que as mulheres enfrentam nesta área profissional.

Pode parecer, às vezes, um discurso repetitivo, mas é a nossa realidade. A gente não queria estar o tempo todo trazendo essa mensagem de 'lugar de mulher é onde ela quiser'. A gente queria que isso fosse uma coisa muito natural para as pessoas. Eu juro que me segurei ao máximo para não me emocionar, mas é para as pessoas entenderem que a nossa estrada ainda é muito longa, a gente não quer mais do que vocês (homens), a gente não quer estar numa estrada diferente, a gente só quer o mesmo. A gente só quer respeito", disse ela com lágrimas nos olhos. (CONTIGO, 2019)

Como evidenciado pelas jornalistas esportivas citadas anteriormente, as barreiras do preconceito, estereótipos de gênero e violência são latentes nesse campo profissional e se fazem mais atuais do que nunca, apesar dos avanços sociais que essa pauta já obteve. Em 2018, a repórter Bruna Dealtry do *"Esporte Interativo"* foi assediada durante uma entrada ao vivo cobrindo o jogo do Vasco na Libertadores. "Bruna participava da cobertura da torcida no entorno do estádio quando foi beijada por um homem. Pelas redes sociais, a repórter se manifestou e lamentou o ocorrido." (GZH, 2018a).

Após o acontecido, a campanha *#deixaelatrabalhar*, criada em seguida das manifestações de assédio e injúria denunciadas por jornalistas mulheres, principalmente do âmbito esportivo, que acompanham o futebol no Brasil, ganhou repercussão global. Evidenciando a presença de mulheres em coberturas internacionais, como jornadas esportivas da Copa do Mundo.

4 ANÁLISE DO PROGRAMA GLOBO ESPORTE EM ÂMBITO REGIONAL

O *Globo Esporte*, programa esportivo da *TV Globo*, foi escolhido como objeto de análise por seguir os seguintes critérios: 1) ser um programa padronizado do Grupo Globo, mas que segue uma peculiaridade regional de cada emissora geradora e afiliada; 2) possuir um acervo disponível para assinantes na plataforma de *streaming Globoplay*; 3) disponibilizar na plataforma de *streaming Globoplay* os programas da maioria das afiliadas desde aproximadamente 2015.

Para alcançar uma amostra representativa, foi definido um período começando em 2017, pois a plataforma disponibiliza mais materiais a partir desse ano, até o ano vigente da produção deste trabalho, em 2023. O mês de julho foi escolhido de forma aleatória para coleta dos materiais de cada ano, com exceção do ano de 2020, pelo advento da pandemia muitas afiliadas param de produzir o programa regionalmente, então ano em questão foi desconsiderado na análise.

Além disso, algumas afiliadas pararam de produzir regionalmente o programa e passaram a transmitir o *Globo Esporte* da emissora TV Globo Rio de Janeiro, para essas foi utilizado o termo “GE Rede” no ano em que realizaram essa mudança. Deste modo, na produção dos gráficos para essas emissoras foram designados os dados do *Globo Esporte Rio de Janeiro*.

É importante enfatizar que foram considerados apenas os jornalistas âncoras, ou seja, apresentadores oficiais do programa *Globo Esporte* sem incluir os substitutos quando o apresentador oficial não está presente.

O programa *Globo Esporte*, escolhido como objeto de análise por ser considerado referência de programa esportivo no Brasil, foi ao ar pela primeira vez no ano de 1978 já em uma configuração diária, de segunda a sexta-feira. “Inicialmente com dez minutos de duração, o programa trazia notícias sobre os torneios estaduais e nacionais de futebol, além de abrir espaço para os esportes amadores, pouco divulgados na televisão” (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Segundo o Memória Globo (2021), durante os cinco primeiros anos do programa, as coberturas tinham dimensão nacional, sem enfoque regional. A partir de 1983, com a mudança de equipe editorial, o programa passou a ser dirigido pelos jornalistas José Trajano, Yves Tavares, Pedro Redig, Alceu Nogueira e Luiz Antônio Nascimento, e foi reestruturado em dois blocos, o primeiro que contava com notícias nacionais e era produzido pelas emissoras geradoras TV Globo Rio de Janeiro e TV

São Paulo, com os respectivos apresentadores Léo Batista e Osmar Santos, e o segundo bloco de notícias locais de cada estado, produzido pelas afiliadas.

No final da década de 80 a primeira mulher estreou como apresentadora do *Globo Esporte*, Isabela Scalabrini que dividia a apresentação do programa com Fernando Vanucci e Léo Batista. Em 1991 Mylena Ciribelli integrou o time de apresentadores e no final dos anos 90 mais uma mulher entrou para a apresentação do *Globo Esporte*, Débora Meneses. O ano de 2008 marcou o programa, com um novo cenário e novos apresentadores, Tino Marcos e Glenda Kozlowski estrearam no comando.

Progressivamente, edições locais do *Globo Esporte* foram sendo implementadas “[...] edições diárias para Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza. O conteúdo do material gerado pelas praças era distribuído para afiliadas e regionais e as demais capitais continuavam a receber a edição nacional, apresentada por Cristiane Dias.” (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

O 'Globo Esporte' tem a proposta de trazer para perto do telespectador o espetáculo e a emoção do esporte, além de acompanhar o cotidiano e o trabalho de atletas, destacar exemplos de esportistas e treinadores que superam as dificuldades do dia a dia e mostrar projetos que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão social. Dentre as diversas matérias do 'Globo Esporte', destacam-se as que mostraram os saltos de ginastas brasileiros, a vitória dos pilotos na Fórmula 1; os títulos das seleções de vôlei; os gols e a festa das torcidas nos campeonatos nacionais e estaduais de futebol. (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

4.1 OS PROGRAMAS POR REGIÃO

Este capítulo apresenta a análise dos programas *Globo Esporte* em contexto regional brasileiro. A partir da coleta dos materiais mencionados, com objetivo de organizá-los, foram produzidos quadros que seguem uma divisão por região. Posto isso, os subcapítulos a seguir mostram um levantamento dos apresentadores de cada geradora e afiliada no decorrer de seis anos com a finalidade de analisar se houve ao longo desses anos uma representatividade feminina expressiva que ocupasse a posição de apresentador do programa *Globo Esporte*.

4.1.1 REGIÃO SUL

A Região Sul contempla três emissoras afiliadas da Rede Globo, são elas: RBS TV (Rede Brasil Sul), no Rio Grande do Sul; NSC TV (Nossa Santa Catarina), em Santa Catarina; RPC TV (Rede Paranaense de Comunicação) no Paraná.

O quadro a seguir apresenta o levantamento realizado acerca da disposição de apresentadores de cada afiliada da região sul de acordo com os anos indicados.

Quadro 1 - Apresentadores do programa *Globo Esporte* da Região Sul do Brasil

Ano	(RS) RBS TV	(SC) NSC TV	(PR) RPC TV
2017	Alice Bastos Neves	Alisson Francisco	Janaína Castilho
2018	Alice Bastos Neves	Alessandra Flores	Janaína Castilho
2019	Alice Bastos Neves	Alisson Francisco	Janaína Castilho
2021	Alice Bastos Neves	Duda Dalponte	Janaína Castilho
2022	Alice Bastos Neves	Duda Dalponte	Nadja Mauad
2023	Alice Bastos Neves	Cacau Corazza	Nadja Mauad

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A emissora afiliada RBS TV possui um histórico de apresentadora de longa data, a jornalista esportiva Alice Bastos Neves ancorou o programa em todos os anos analisados.

Figura 1 - Apresentadora Alice Bastos Neves da afiliada RBS TV



Fonte: Globoplay (2023)

A emissora afiliada NSC TV também apresenta uma predominância feminina na ancoragem do programa, constando apenas um jornalista homem que se repetiu na posição de apresentador nos anos de 2017 e 2019, enquanto nos outros anos o

programa contou com a ancoragem da Alessandra Flores, Duda Dalponte e Cacau Corazza.

Figura 2 - Apresentadora Alessandra Flores da afiliada NSC TV



Fonte: NSC (2018)

Figura 3 - Apresentadora Duda Dalponte da afiliada NSC TV



Fonte: NSC (2021)

Figura 4 - Apresentadora Cacau Corazza da afiliada NSC TV



Fonte: Globoplay (2023)

Na afiliada RPC TV a disposição feminina também prevalece. Nos anos analisados apenas apresentadoras mulheres foram a voz do programa *Globo Esporte*, sendo essas Janaína Castilho e Nadja Mauad.

Figura 5 - Apresentadora Janaína Castilho da afiliada RPC TV



Fonte: Globoplay (2021)

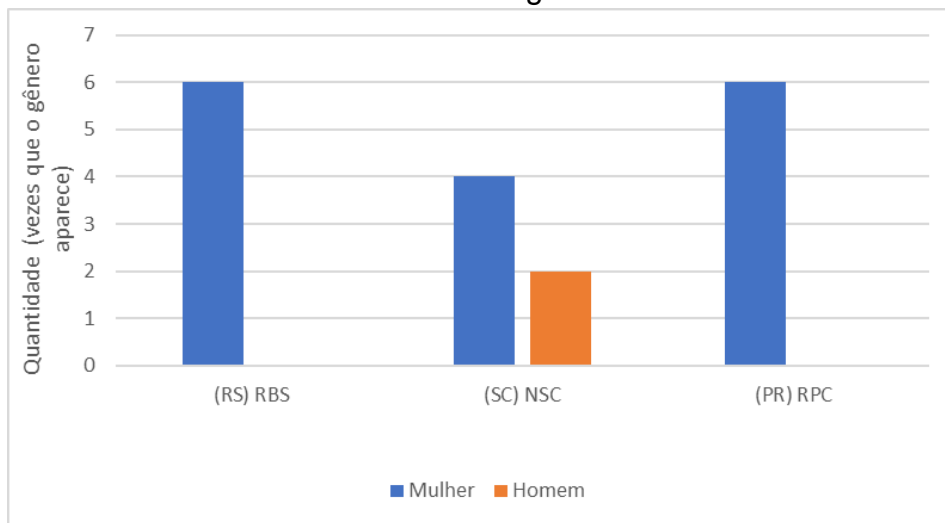
Figura 6 - Apresentadora Nadja Mauad da afiliada RPC TV



Fonte: Globoplay (2023)

A partir do gráfico gerado com as informações do *Quadro 1*, a *Figura 7* indica o número de vezes em que o gênero do apresentador do *Globo Esporte* aparece em cada emissora afiliada. Desta forma, observa-se uma predominância de apresentadoras mulheres nas três emissoras analisadas, sendo essas RBS TV, NSC TV e RPC TV em que respectivamente o gênero feminino aparece seis vezes, quatro vezes e seis vezes. Portanto, 89% dos apresentadores do programa *Globo Esporte* na Região Sul do Brasil são mulheres, levando em consideração os anos e um recorte de mês.

Figura 7 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora afiliada na Região Sul do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

4.1.2 REGIÃO SUDESTE

A Região Sudeste contempla quatro emissoras, duas geradoras: TV Globo São Paulo e TV Globo Rio de Janeiro, e duas afiliadas: TV Globo Minas e TV Gazeta no Espírito Santo.

O quadro a seguir apresenta o levantamento realizado acerca da disposição de apresentadores de cada geradora e afiliada da Região Sudeste de acordo com os anos indicados.

Quadro 2 - Apresentadores do programa *Globo Esporte* da Região Sudeste do Brasil

Ano	(SP) TV Globo São Paulo	(MG) TV Globo Minas	(RJ) TV Globo Rio de Janeiro	(ES) TV Gazeta
2017	Ivan Moré	Maíra Lemos	Alex Escobar	GE Rede
2018	Ivan Moré	Catarina Pereira	Alex Escobar	GE Rede
2019	Felipe Andreoli	Catarina Pereira	Alex Escobar	GE Rede
2021	Felipe Andreoli	Maurício Paulucci	Alex Escobar	GE Rede
2022	Felipe Andreoli	Maurício Paulucci	Alex Escobar	GE Rede
2023	Felipe Andreoli	Maurício Paulucci	Alex Escobar	GE Rede

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As duas emissoras geradoras, TV Globo São Paulo e TV Globo Rio de Janeiro, apresentaram um histórico de âncoras masculinos. Na TV Globo São Paulo o programa foi apresentado durante dois anos seguidos por Ivan Moré e na sequência o apresentador Felipe Andreoli assumiu até o ano de 2023. Na TV Globo Rio de Janeiro, Alex Escobar lidera a apresentação do programa estando à frente dele em todos os anos analisados. A emissora afiliada TV Gazeta, por não ter o *Globo Esporte* regional, à ela é atribuído o termo GE Rede pois o programa da TV Globo Rio de Janeiro é repassado para essa região.

A emissora afiliada TV Globo Minas apresenta uma paridade entre os apresentadores do programa *Globo Esporte*, onde nos três primeiros anos analisados mulheres apresentaram o programa, sendo essas Maíra Lemos e Catarina Pereira, e nos outros três anos seguintes Mauricio Paulucci ancorou o programa.

Figura 8 - Apresentadora Maíra Lemos da afiliada TV Globo Minas



Fonte: Globoplay (2017)

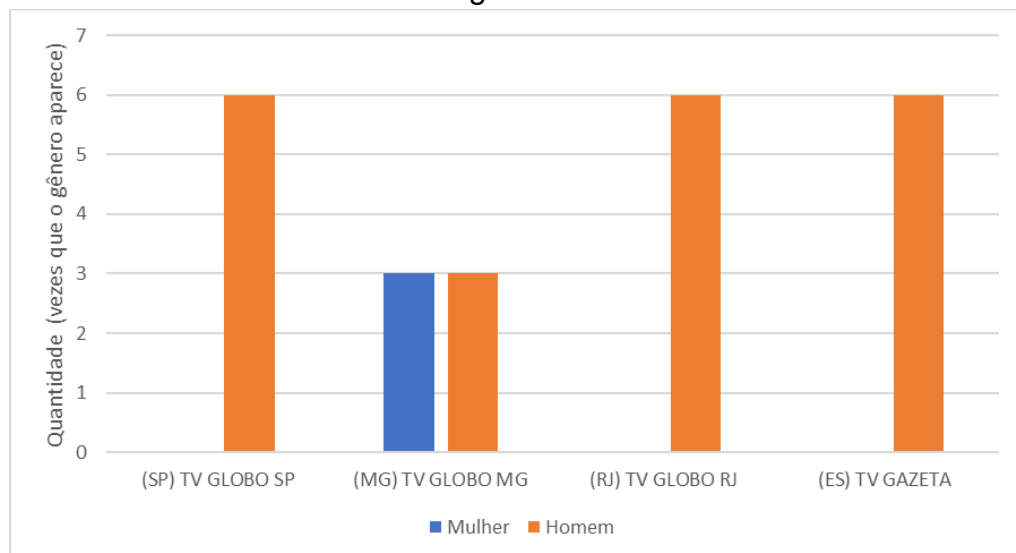
Figura 9 - Apresentadora Catarina Pereira da afiliada TV Globo Minas



Fonte: Globo (2018)

A partir do gráfico gerado com as informações do *Quadro 2*, a *Figura 10* indica o número de vezes em que o gênero do apresentador do *Globo Esporte* aparece em cada emissora geradora e afiliada. Desta forma, observa-se uma predominância de apresentadores homens nas duas emissoras geradoras, TV Globo São Paulo e TV Globo Rio de Janeiro, onde o gênero masculino aparece seis vezes em ambas. A emissora afiliada TV Gazeta também apresenta uma predominância masculina por transmitir o *Globo Esporte* da emissora geradora TV Globo Rio de Janeiro. E uma paridade entre apresentadores homens e apresentadoras mulheres na afiliada TV Globo MG. Portanto, as mulheres representam 12% dos apresentadores do programa *Globo Esporte* na Região Sudeste do Brasil.

Figura 10 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Sudeste do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

4.1.3 REGIÃO CENTRO-OESTE

A Região Centro-Oeste contempla quatro emissoras afiliadas da Rede Globo, são elas: TV Morena, no Mato Grosso do Sul; TV Centro América no Mato Grosso; TV Anhanguera em Goiás e TV Globo Brasília.

O quadro a seguir apresenta o levantamento realizado acerca da disposição de apresentadores de cada afiliada da Região Centro-Oeste de acordo com os anos indicados.

Quadro 3 - Apresentadores do programa *Globo Esporte* da Região Centro-Oeste do Brasil

Ano	(MS) TV Morena	(MT) TV Centro América	(GO) TV Anhanguera	(DF) TV Globo Brasília
2017	Átilla Eugênio	Flávio Santos	Victor Andrade	Viviane Costa
2018	Átilla Eugênio	Flávio Santos	Victor Andrade	Viviane Costa
2019	Flávio Passos	Flávio Santos	Victor Andrade	Stephanie Alves
2021	Átilla Eugênio	Flávio Santos	Karla Izumi	Zé Maurício
2022	Átilla Eugênio	Flávio Santos	Karla Izumi	Zé Maurício
2023	Átilla Eugênio	Dérik Bueno	Karla Izumi	Zé Maurício

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As emissoras afiliadas TV Morena e TV Centro América apresentam uma hegemonia masculina na apresentação do programa *Globo Esporte* nos anos analisados, sem designar mulheres para o cargo de âncora do programa no período em questão.

Na emissora afiliada TV Anhanguera a disposição de apresentadores homens apresentou uma paridade em relação a apresentadoras mulheres. A jornalista esportiva Karla Izumi liderou o programa nos últimos três anos, de 2021 a 2023.

Figura 11 - Apresentadora Karla Izumi da afiliada TV Anhanguera GO



Fonte: Globoplay (2023)

A emissora afiliada TV Globo Brasília também apresenta uma paridade em relação a ancoragem feminina e masculina. As apresentadoras Viviane Costa e Stephanie Alves foram a voz do programa entre os anos de 2017 e 2019.

Figura 12 - Apresentadora Viviane Costa da afiliada TV Globo Brasília



Fonte: Globoplay (2018)

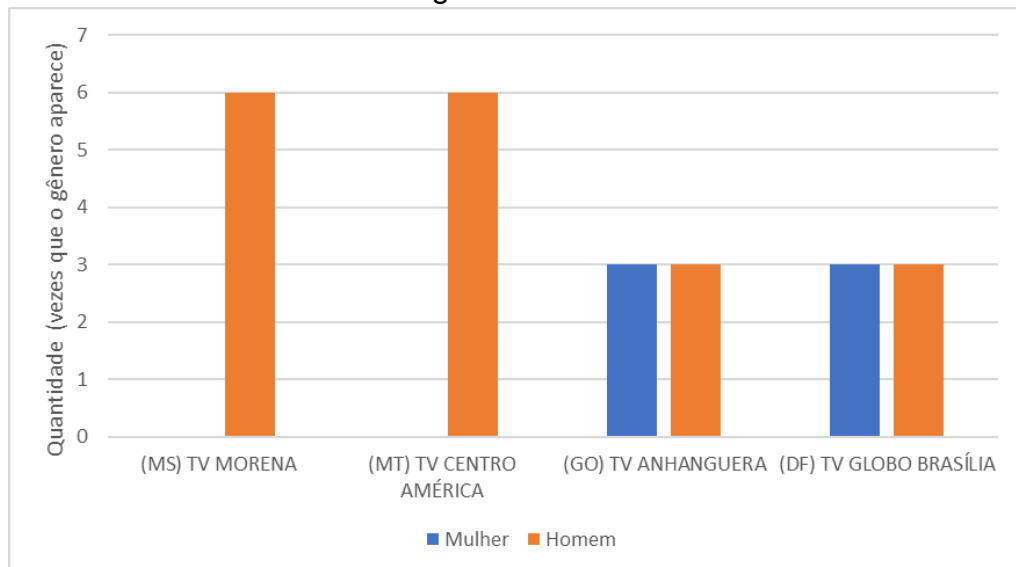
Figura 13 - Apresentadora Stephanie Alves da afiliada TV Globo Brasília



Fonte: Globoplay (2019)

A partir do gráfico gerado com as informações do Quadro 3, a Figura 14 indica o número de vezes em que o gênero do apresentador do *Globo Esporte* aparece em cada emissora afiliada. Desta forma, observa-se uma predominância de apresentadores homens nas duas emissoras afiliadas, TV Morena e TV Centro América, onde o gênero masculino aparece seis vezes em ambas. E uma paridade entre apresentadores homens e apresentadoras mulheres nas afiliadas TV Anhanguera e TV Globo Brasília. Portanto, as mulheres representam 24% dos apresentadores do programa *Globo Esporte* na Região Centro-Oeste do Brasil.

Figura 14 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Centro-Oeste do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

4.1.4 REGIÃO NORTE

Quadro 4 - Apresentadores do programa *Globo Esporte* da Região Norte do Brasil a

Ano	(RO) Rede Amazônica	(AC) Rede Amazônica	(AM) Rede Amazônica	(RR) Rede Amazônica
2017	Divino Caetano	Paulo Henrique Nascimento	Thiago Guedes	Luciana Macedo
2018	Divino Caetano	Paulo Henrique Nascimento	Thiago Guedes	Luciana Macedo
2019	Karina Quadros	Paulo Henrique Nascimento	Thiago Guedes	Lucas Luckezie
2021	Divino Caetano	Paulo Henrique Nascimento	Thiago Guedes	Gabriela Garcia
2022	Juan Rodrigues	GE REDE	Thiago Guedes	GE Rede
2023	Juan Rodrigues	GE REDE	Thiago Guedes	GE Rede

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quadro 5 - Apresentadores do programa *Globo Esporte* da Região Norte do Brasil b

Ano	(AP) Rede Amazônica	(PA) TV Liberal	(TO) TV Anhanguera
2017	Elyerge Paes	Flávia Araújo	Gabriela Lago
2018	Elyerge Paes	André Laurent	Karoliny Santiago
2019	Elyerge Paes	André Laurent	GE Rede
2021	Aline Ferreira	André Laurent	GE Rede
2022	Aline Ferreira	André Laurent	GE Rede
2023	Patrick Almeida	André Laurent	GE Rede

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As emissoras afiliadas Rede Amazônica do Acre e Rede Amazônica do Amazonas apresentam majoritariamente apresentadores homens que se mantiveram alguns anos como âncoras do programa, esses são respectivamente Paulo Henrique Nascimento e Thiago Guedes.

Na afiliada Rede Amazônica de Rondônia, apenas no ano de 2019 houve uma apresentadora mulher à frente do programa *Globo Esporte*.

Figura 15 - Apresentadora Karina Quadros da afiliada Rede Amazônica RO



Fonte: Globoplay (2015)

Na emissora afiliada Rede Amazônica de Roraima, as apresentadoras mulheres Luciana Macedo e Gabriela Garcia apresentaram o programa *Globo Esporte* antes do fechamento do programa em formato regional, pois em 2022 passou a ser transmitido nessa região o *Globo Esporte* do Rio de Janeiro.

Figura 16 - Apresentadora Luciana Macedo da afiliada Rede Amazônica RR



Fonte: Redes Sociais Rede Amazônica (2017)

Figura 17 - Apresentadora Gabriela Garcia da afiliada Rede Amazônica RR



Fonte: Globoplay (2021)

A emissora afiliada Rede Amazônica do Amapá apresenta uma predominância de mulheres na apresentação do programa *Globo Esporte*. Elyerge Paes e Aline Ferreira foram a voz do programa até o ano de 2022.

Figura 18 - Apresentadora Elyerge Paes da afiliada Rede Amazônica AP



Fonte: Redes Sociais (2016)

Figura 19 - Apresentadora Aline Ferreira da afiliada Rede Amazônica AP



Fonte: Redes sociais Rede Amazônica AP (2022)

Na emissora afiliada TV Liberal, observa-se que há uma predominância masculina na apresentação do programa. Apenas no ano de 2017 a apresentadora Flávia Araújo esteve à frente do programa Globo Esporte.

Figura 20 - Apresentadora Flávia Araújo da afiliada TV Liberal



Fonte: Globoplay (2017)

A emissora afiliada, TV Anhanguera Tocantins, nos anos de 2017 e 2018, contou com ancoragem respectivamente da apresentadora Gabriela Lago e Karoliny Santiago. A partir do ano de 2019, a emissora passou a transmitir o *Globo Esporte* do Rio de Janeiro.

Figura 21 - Apresentadora Gabriela Lago da afiliada TV Anhanguera TO



Fonte: YouTube (2018)

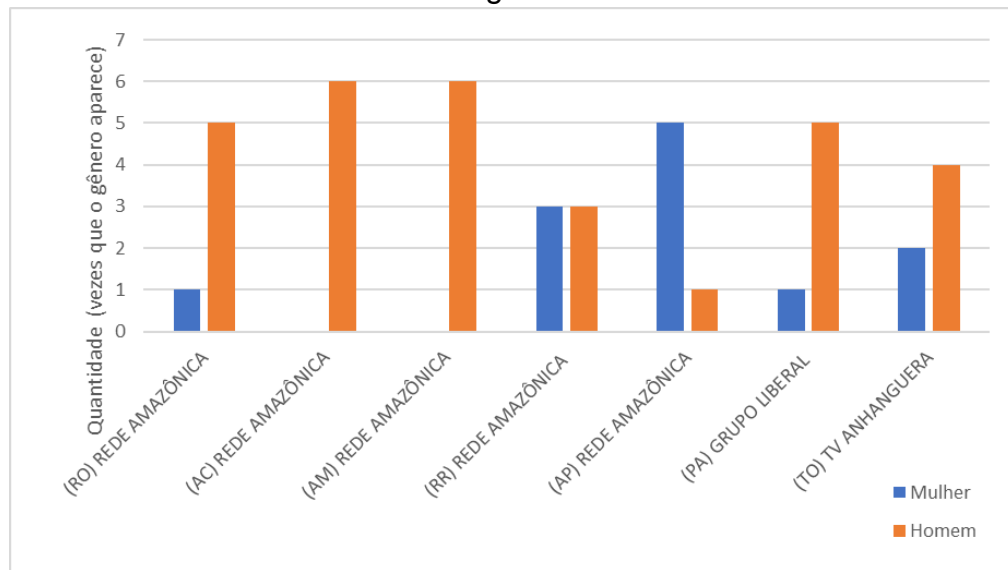
Figura 22 - Apresentadora Karoliny Santiago da afiliada TV Anhanguera TO



Fonte: Redes Sociais (2018)

A partir do gráfico gerado com as informações do *Quadro 4 e 5*, a *Figura 23* indica o número de vezes em que o gênero do apresentador do *Globo Esporte* aparece em cada emissora afiliada. Desta forma, observa-se uma predominância de apresentadores homens nas duas emissoras afiliadas, Rede Amazônica do Acre e Rede Amazônica do Amazonas, onde o gênero masculino aparece seis vezes em ambas. A presença feminina pontual é perceptível nas afiliadas Rede Amazônica de Rondônia, TV Liberal e TV Anhanguera Tocantins. Uma paridade entre apresentadores homens e apresentadoras mulheres na emissora Rede Amazônica de Roraima. E a única emissora que apresenta predominância feminina é a Rede Amazônica do Amapá. Portanto, as mulheres representam 28% dos apresentadores do programa *Globo Esporte* na Região Norte do Brasil.

Figura 23 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Norte do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

4.1.5 REGIÃO NORDESTE

Quadro 6 - Apresentadores do programa *Globo Esporte* da Região Nordeste do Brasil

Ano	(BA) TV Bahia	(SE) TV Sergipe	(AL) TV Gazeta	(PE) TV Globo Pernambuco	(PB) TV Cabo Branco
2017	Thiago Mastroianni	Thiago Barbosa	Madson Delano	George Guilherme	Kako Marques
2018	Mariana Aragão	Thiago Barbosa	Madson Delano	Tiago Medeiros	Kako Marques
2019	Mariana Aragão	Thiago Barbosa	Madson Delano	Tiago Medeiros	Kako Marques
2021	Danilo Ribeiro	Thiago Barbosa	Madson Delano	Tiago Medeiros	Kako Marques
2022	Danilo Ribeiro	Leandro da Graça	Madson Delano	Tiago Medeiros	Kako Marques
2023	Danilo Ribeiro	Leandro da Graça	Madson Delano	Tiago Medeiros	Kako Marques

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quadro 7 - Apresentadores do programa *Globo Esporte* da Região Nordeste do Brasil

Ano	(RN) Rede InterTV	(CE) TV Verdes Mares	(PI) TV Clube	(MA) TV Mirante
2017	Thiago César	Fábio Pizzato	Flávio Meireles	Marco Aurélio
2018	Thiago César	Fábio Pizzato	Flávio Meireles	Marco Aurélio
2019	Thiago César	Marcos Montenegro	Flávio Meireles	Marco Aurélio
2021	GE Rede	Marcos Montenegro	Flávio Meireles	Marco Aurélio
2022	GE Rede	Marcos Montenegro	Flávio Meireles	Marco Aurélio
2023	GE Rede	Marcos Montenegro	Renan Moraes	Jana Fontenele

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As emissoras afiliadas TV Sergipe, TV Gazeta, TV Globo Pernambuco, TV Cabo Branco, Rede InterTV, TV Verdes Mares e TV Clube apresentam uma hegemonia masculina de apresentadores do programa *Globo Esporte*, em nenhuma consta mulheres nos anos analisados.

A emissora afiliada TV Bahia apresenta pontualmente uma apresentadora mulher, Mariana Aragão, que apresentou o programa *Globo Esporte* nos anos de 2018 e 2019.

Figura 24 - Apresentadora Mariana Aragão da afiliada TV Bahia



Fonte: Globoplay (2020)

Na emissora afiliada TV Mirante, a presença feminina também foi pontual. A apresentadora Jana Fontenele ingressou como âncora do programa *Globo Esporte* apenas no ano de 2023.

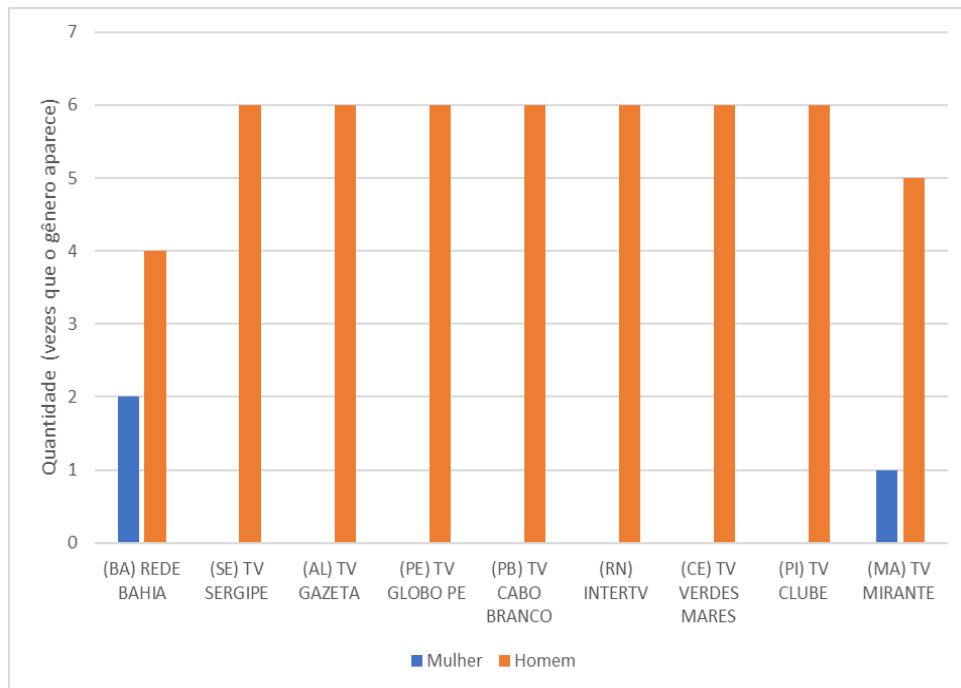
Figura 25 - Apresentadora Jana Fontenele da afiliada TV Mirante



Fonte: Globoplay (2023)

A partir do gráfico gerado com as informações do *Quadro 6 e 7*, a *Figura 26* indica o número de vezes em que o gênero do apresentador do *Globo Esporte* aparece em cada emissora afiliada. Desta forma, observa-se uma hegemonia de apresentadores homens nas sete emissoras afiliadas, TV Sergipe, TV Gazeta, TV Globo Pernambuco, TV Cabo Branco, Rede InterTV, TV Verdes Mares e TV Clube, onde o gênero masculino aparece seis vezes em todas. A presença feminina pontual é perceptível nas afiliadas TV Bahia e TV Mirante, onde o gênero feminino aparece respectivamente duas vezes e uma vez. Portanto, as mulheres representam 6% dos apresentadores do programa *Globo Esporte* na Região Norte do Brasil.

Figura 26 - Quantidade de vezes em que o gênero do apresentador aparece por emissora na Região Nordeste do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

5 SOB A ÓTICA DA METODOLOGIA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Com intuito de continuar a exploração do programa *Globo Esporte* a partir da descrição do *corpus* realizada no capítulo anterior, o presente capítulo se propõe a um aprofundamento analítico do *corpus* e para alcançar esse propósito, faz uso da metodologia Análise de Conteúdo¹⁶.

Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira. (CÂMARA, 2013, p. 182)

O objetivo deste capítulo é analisar comparativamente a ancoragem de mulheres que apresentaram o programa *Globo Esporte*, à luz das categorias de análise estabelecidas: 1) Características estéticas/físicas; 2) Improvisação ou TP; 3) Apresentação opinativa ou menos opinativa; 4) Interação com outros jornalistas e público; 5) Habilidades de ancoragem; 6) Gênero de outros jornalistas que participam do programa.

Foram selecionadas 5 mulheres, cada uma representando uma região do Brasil. Como mais de uma mulher aparece em cada região analisada, o critério foi escolher a emissora que teve uma mulher mais recentemente apresentando o programa. Na região sul, por constar mulheres em todos os anos mais recentes, o critério utilizado foi pegar a emissora que teve a mesma mulher apresentando em todos os anos analisados. Os episódios analisados a partir das categorias foram selecionados de forma aleatória, ou seja, não seguem um padrão de ano, mês e dia.

Seguindo essa metodologia de pesquisa, concebida por Laurence Bardin (1977), foram cumpridas as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: interpretação e inferência. Na primeira etapa, a pré-análise, foi realizada a coleta dos materiais utilizados como subsídio da análise. Esses são: os episódios de cada emissora que cumpria o critério descrito anteriormente.

¹⁶ BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. 3ª reimp. da 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

Na segunda etapa, exploração do material, inclui-se a administração das técnicas de codificação dos materiais coletados, sendo assim, foram observadas e organizadas em quadros as categorias de análise: características estéticas/físicas; improvisação ou TP; modo de apresentação; interação com outros jornalistas e público; habilidades de ancoragem; gênero de outros jornalistas que participam do programa.

Na terceira etapa, tratamento dos resultados: interpretação e inferência, depois que os materiais foram circunscritos a determinadas categorias de análise, foi realizada a leitura e o exame desses grupos analíticos, codificados e interpretados.

5.1 QUADROS DE ANÁLISE: CATEGORIAS JORNALÍSTICAS

Os quadros a seguir apresentam as análises do programa *Globo Esporte* com enfoque na ancoragem das seguintes jornalistas: Alice Bastos Neves da emissora RBS TV representando a região sul; Catarina Pereira da emissora TV Globo Minas representando a região sudeste; Karla Izumi da emissora TV Anhanguera-GO representando a região centro-oeste; Aline Ferreira da emissora Rede Amazônica-AP representando a região norte; e Jana Fontenele da emissora TV Mirante representando a região nordeste.

Quadro 8 - Ancoragem de Alice Bastos Neves em 2023 sob o prisma das Categorias de Análise

1) Características estéticas/físicas	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher branca, magra, estatura média, faixa etária de aproximadamente 40 anos. • Veste roupas informais: calça jeans, camiseta de manga curta e tênis. Aparenta utilizar maquiagem moderada.
2) Improvisação ou TP	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentadora lê TP em praticamente todas as suas aparições, mas sempre de maneira espontânea.
3) Modo de apresentação	<ul style="list-style-type: none"> • Ela não expõe opinião, enfatiza os fatos e faz perguntas (sem TP), mas com o auxílio do tablet em mão, de maneira mais dinâmica e ele responde, ela fala da situação e ele comenta.
4) Interação com outros jornalistas e público	<ul style="list-style-type: none"> • Faz três perguntas pré-programadas para o comentarista. O comentarista interage com ela, mas respondendo às perguntas, não há diálogo. • Ele faz comentários enquanto ela fala, sobrepõe a fala dela e às vezes toma falas. • Eles não debatem entre si, mas são perguntas mais dinâmicas e não tão engessadas. • Relação de “confiança” com o público que se expressa no uso de linguagem informal em alguns momentos e se dirigindo diretamente a audiência (“tu que está em casa”)
5) Habilidades de ancoragem	<ul style="list-style-type: none"> • Dicção clara, postura coerente, contextualização dos fatos na maioria dos tópicos abordados.
6) Gênero de outros jornalistas que participam do programa	<ul style="list-style-type: none"> • Comentarista homem.

Quadro 9 - Ancoragem de Catarina Pereira em 2019 sob o prisma das Categorias de Análise

1) Características estéticas/físicas	<ul style="list-style-type: none"> ● Mulher branca, magra, estatura alta, faixa etária de aproximadamente 30 anos. ● Veste roupas formais, como vestido e sapato de salto. Aparenta estar com uma maquiagem reforçada.
2) Improvisação ou TP	<ul style="list-style-type: none"> ● Abre com a apresentadora lendo TP durante a apresentação.
3) Modo de apresentação	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresenta de maneira descontraída, utilizando linguagem informal.
4) Interação com outros jornalistas e público	<ul style="list-style-type: none"> ● Não interage com outros jornalistas e nem com o público. ● Breve diálogo cumprimenta e agradece.
5) Habilidades de ancoragem	<ul style="list-style-type: none"> ● A apresentadora não gesticula muito. ● Não apresenta uma ancoragem dinâmica, peca na contextualização dos fatos. ● Dicção fluida ao ler TP.
6) Gênero de outros jornalistas que participam do programa	<ul style="list-style-type: none"> ● Narração de matérias por jornalistas homens. ● Repórter homem é chamado para entrada ao vivo (sonora).

Quadro 10 - Ancoragem de Karla Izumi em 2023 sob o prisma das Categorias de Análise

1) Características estéticas/físicas	<ul style="list-style-type: none"> ● Mulher branca, magra, estatura alta, faixa etária de aproximadamente 30 anos. ● Veste roupas informais: calça, camiseta e tênis. Aparenta utilizar maquiagem reforçada.
2) Improvisação ou TP	<ul style="list-style-type: none"> ● Abre o programa sem ler TP. ● Durante a apresentação faz leitura do teleprompter
3) Modo de apresentação	<ul style="list-style-type: none"> ● Cabeças curtas, ela não fica muito tempo falando. ● Gosta de conversar com o telespectador, não é com uma leitura engessada.
4) Interação com outros jornalistas e público	<ul style="list-style-type: none"> ● Não interage com ninguém, não tem entrada ao vivo. ● Não interage diretamente com o público, porém, demonstra intimidade com o mesmo pelo uso de linguagem informal em alguns momentos.
5) Habilidades de ancoragem	<ul style="list-style-type: none"> ● Boa dicção ● Apresenta uma linguagem descontraída ● Encerra ela dançando, bem despojada (característica de boa relação com a audiência)
6) Gênero de outros jornalistas que participam do programa	<ul style="list-style-type: none"> ● Narrações e reportagens masculinas.

Quadro 11 - Ancoragem de Aline Ferreira em 2022 sobre o prisma das Categorias de Análise

1) Características estéticas/físicas	<ul style="list-style-type: none"> ● Mulher branca, magra, estatura média e faixa etária de aproximadamente 30 anos. ● Veste roupas informais: camiseta, calça e tênis. Aparenta utilizar maquiagem leve.
2) Improvisação ou TP	<ul style="list-style-type: none"> ● Abre o programa lendo TP.
3) Modo de apresentação	<ul style="list-style-type: none"> ● Cabeças curtas. ● Não tem momentos para comentários extras que fujam do TP, que abram espaço para opinião
4) Interação com outros jornalistas e público	<ul style="list-style-type: none"> ● Não interage com outros repórteres.
5) Habilidades de ancoragem	<ul style="list-style-type: none"> ● Deixa evidente em sua apresentação que está lendo TP. ● Ela descontraí em alguns momentos do programa, mas aparenta uma dicção engessada.
6) Gênero de outros jornalistas que participam do programa	<ul style="list-style-type: none"> ● Programa começa com uma matéria de um homem narrando

Quadro 12 - Ancoragem de Jana Fontenele em 2023 sobre o prisma das Categorias de Análise

1) Características estéticas/físicas	<ul style="list-style-type: none"> • Mulher branca, magra, estatura média e faixa etária de aproximadamente 30 anos. • Veste roupas informais: vestido, colete jeans e tênis.
2) Improvisação ou TP	<ul style="list-style-type: none"> • Lê TP na maior parte do programa.
3) Modo de apresentação	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a participação do comentarista ela não dá opinião, só faz perguntas. • Ao longo do programa, não tem falas opinativas.
4) Interação com outros jornalistas e público	<ul style="list-style-type: none"> • Não interage como comentarista homem. • Não interage diretamente com o público.
5) Habilidades de ancoragem	<ul style="list-style-type: none"> • Ela é mais despojada e descontraída • Não lê TP de maneira “robótica”, apresenta dicção fluida e natural na leitura.
6) Gênero de outros jornalistas que participam do programa	<ul style="list-style-type: none"> • Comentarista homem • Reportagem feita por um jornalista homem

A partir dos elementos observados nas categorias de análise, é possível realizar algumas inferências sobre tendências perceptíveis da ancoragem feminina nos programas do *Globo Esporte*.

O primeiro padrão observado refere-se à categoria de análise: características estéticas/físicas, desta forma, a observação aponta para um padrão estético e físico das âncoras mulheres no que se refere à raça, faixa etária, tipo físico, altura, vestimenta e uso de maquiagem. Nota-se, de forma evidenciada, a recorrência das seguintes características: ser branca, jovem (30 anos +/-), magra e alta. Sobre vestimenta e maquiagem, percebe-se uma tendência ao uso de roupas informais, de estilo “confortável” e pouca maquiagem, mas como uma tendência atual, que foi se moldando ao longo dos anos na própria construção do jornalismo esportivo, pois verifica-se que em 2019, no exemplo da âncora Carina Pereira, o estilo priorizado ainda era o formal para ancoragem esportiva.

Posto isso, nota-se que a figura do âncora na especificidade feminina segue um estereótipo estético e físico capaz de moldar e até mesmo limitar esse espaço

profissional de acordo com os padrões mencionados anteriormente. Para alguns estudiosos do assunto, como Pacheco e Silva (2020) esses estereótipos de imagem feminina no jornalismo esportivo tem a ver com o fato de que para esse campo, por décadas, os homens eram vistos como o público-alvo, e assim, eram pensados todos os atravessamentos desse entretenimento/jornalismo informativo esportivo.

Sendo assim, as mulheres que ali adentrarem deveriam seguir padrões de imagem que “fossem do agrado masculino”. Aqui está, na trajetória do jornalismo esportivo, a objetificação dos corpos das mulheres desde a origem desse campo profissional.

O segundo padrão observado refere-se ao conjunto de três categorias de análise: improvisação ou TP, apresentação opinativa ou menos opinativa e habilidades de ancoragem. Neste caso, essas categorias fazem parte de um grupo de análise que busca compreender o comportamento mais técnico do âncora. À vista disso, nota-se que a maioria das ancoragens analisadas apresentam um padrão de leitura de TP, momentos opinativos quase indetectáveis, dicção coerente e fluida. A constatação desse padrão no corpus leva à possível hipótese de que âncoras mulheres têm pouco espaço opinativo nas jornadas esportivas, mesmo que haja indicativos de conhecimento na área para ir além da leitura do teleprompter.

O último padrão analisado refere-se a duas categorias de análise: Interação com outros jornalistas e público, e o gênero de outros jornalistas que participam do programa. Essas categorias possibilitaram a identificação de um padrão de jornalistas comentaristas homens e de matérias realizadas por jornalistas homens nos programas analisados. Em consequência dessa constatação, que aponta para a interação das mulheres âncoras com repórteres e comentaristas, majoritariamente homens, a conversa apontou pouco diálogo entre eles. Ficou explícito que quando há interação, as mulheres não estabelecem momentos opinativos e de contraposição diante dos comentários masculinos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A orientação deste trabalho foi construída a partir do objetivo de avaliar o programa *Globo Esporte* de cada emissora da Rede Globo para detectar a presença de jornalistas mulheres no papel de âncora e como realizavam essa jornada esportiva. Para alcançar esses objetivos, nos capítulos de análise, quatro e cinco, foi realizada a descrição do corpus e a estratificação de tópicos como perfil e comportamento a partir das categorias de análise.

Fundamentadas nas análises mencionadas, é possível realizar determinadas inferências sobre a presença das mulheres no campo profissional do jornalismo esportivo. Lembrando que as conclusões realizadas, que servem como inferência sobre a área, estão situadas em um tempo e espaço específico, não podem ser tomadas como verdade universal, apenas como resultado que retrata parte da realidade estudada. Deste modo, as constatações se referem a esse corpus específico, descrito nos capítulos mencionados anteriormente.

Posto isso, as considerações obtidas ao longo dessas análises indicam que o campo profissional do jornalismo esportivo, apesar da presença evidente de mulheres, ainda se mostra majoritariamente masculinizado. Não se pode negar o protagonismo feminino, porém, ainda que haja um movimento de inserção de mulheres nessa área profissional, o que leva a constatar que ainda há um longo caminho pela frente é o resultado da quantidade de mulheres em relação aos homens âncoras do programa *Globo Esporte*, um balanço de todas as regiões do Brasil entre os anos de 2019 e 2023 (sem contar o ano de 2020 por conta da pandemia de COVID-19).

Ao todo, foi constatado que mulheres estavam menos à frente como âncoras do programa *Globo Esporte* nas regiões analisadas do que homens. Sendo assim, apresentou um resultado de 60% de âncoras homens e 40% de âncoras mulheres.

A Análise de Conteúdo (BARDIN,1977) possibilitou a constatação de estereótipos envolvendo a figura feminina na ancoragem brasileira, como padrões estéticos e físicos. Além disso, outro ponto crucial que dialoga com a inserção de mulheres nessa área e que foi observado como um fator recorrente nas análises realizadas foram as participações de outros jornalistas ao longo do programa. Essa categoria mostrou que mais homens interagem com as mulheres âncoras, tanto como comentaristas como narração de matérias e entradas ao vivo.

Para estudos futuros, com a finalidade de ampliar o objeto de estudo, é indicado aumentar a gama de programas esportivos e colocá-los em comparação. Também é possível avaliar se essas condições apresentadas se aplicam em outras emissoras, tanto em âmbito nacional, como internacional. Outra sugestão é a expansão de categorias de análise que ofereçam demais interpretações sobre o comportamento do âncora.

REFERÊNCIAS

5 jornalistas esportivas brasileiras: saiba sobre a presença feminina na cobertura midiática. **Medium**, 2019. Disponível em:<<https://medium.com/@c.emily1998/5-jornalistas-esportivas-brasileiras-9a0f06757082>>. Acesso em: 14 de outubro de 2023.

A Gazeta de França (1631-1792). **Chateau de Versailles**. Disponível em:<<https://chateauversailles-recherche.fr/francais/ressources-documentaires/corpus-electroniques/sources-imprimees/periodiques/gazette-de-france/la-gazette-de-france-1631-1792.html>>. Acesso em: 03 de outubro de 2023.

ALMEIDA, Arthur. **AS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO**. FACHA, Rio de Janeiro, 2018.

ARON, Paul; ROSIER, Laurence; COOKE, Ruadhán; THÉRENTY, MarieÈve; GONZALEZ, Ruben. As escritas do jornalismo esportivo. Online, Vol 10, nº2 - 2021, 15 de dezembro. Disponível em:<<https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/435>>. Acesso em: 11 de outubro de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BÁRBARA COELHO. **AMMA Marketing e Agenciamento**, 2023. Disponível em:<<https://amma.com.vc/agenciados/barbara-coelho/>> Acesso em: 15 de outubro de 2023.
BEAUVOIR, Simone De. **O Segundo Sexo**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BÁRBARA COELHO. **Palestras de Sucesso**, 2023. Disponível em:<<https://palestrasdesucesso.com.br/palestrante/barbara-coelho/>> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

Bibliographical notes: New-England Courant. **Colonial Society**. Disponível em:<<https://www.colonialsociety.org/publications/301/bibliographical-notes-new-england-courant>> Acesso em: 03 de outubro de 2023.

BITTENCOURT, Manoella. 7 Jornalistas que Marcaram a História da Imprensa no Brasil. **NSC Total**. Florianópolis, 06 de abril de 2023. Disponível em:<<https://www.nsctotal.com.br/noticias/7-jornalistas-que-marcaram-a-historia-da-imprensa-no-brasil>>. Acesso em: 03 de outubro de 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. Lei nº 14.611, de 03 de julho de 2023. Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023.

BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. Redação SporTV: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico. Brasília, junho de 2010.

BRITTOS, Valério; RÜHEE, Paloma. **A construção dos âncoras nos telejornais nacionais da Globo**. Comunicação plural [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André. MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA “VISÃO ALÉM DO ALCANCE”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 959-971, out./dez. de 2015.

BUENO, Neomi; MARQUES, José Carlos. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, v.21, n. 45 [110-128] jan-abr 2020.

BURCKHART, Thiago. Gênero, dominação masculina e feminismo: Por uma Teoria Feminista do Direito. **Revista Direito em Debate**, XXVI, nº 47, p. (205-224), jan-jun, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/6619>>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

CAETANO, Maria João. Elas vão preferir ficar em casa": há 125 anos as mulheres votaram pela primeira vez. **Diário de Notícias**. Lisboa, 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/interior/elas-vaio-preferir-ficar-em-casa-ha-125-anos-asmulheres-conquistaram-o-direito-ao-voto-9873634.html>. Acesso em: 06 maio 2023.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul - dez, 2013, 179-191.

CAPITANI, Lidia. Copa das Mulheres: a batalha das jornalistas esportivas por representatividade. **Meioemensagem**, 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/copa-das-mulheres-a-batalha-das-jornalistas-esportivas-por-representatividade?qad_source=1&qclid=CjwKCAjw-KipBhBtEiwAWjqwrCXxCDjPFlyaqwFLH1WUxFLqlz28jmKi4HrOnWYx_AmKtXs8xYlX-RoCi6QQAvD_BwE>. Acesso em: 14 de outubro de 2023.

CARVALHO, Rafael. Conheça a primeira mulher a chefiar a revista britânica 'The Economist'. **Na Prática.Org**. 27 de janeiro de 2015. Disponível em: <<https://www.napratica.org.br/conheca-a-primeira-mulher-a-chefiar-a-revista-britanica-the-economist/>> Acesso em 04 de outubro de 2023.

CASTELLANI FILHO, Lino. Esporte e Mulher. **Motrivivência**. Junho, 1989 —87-92.

CHAVES, Ricardo. Rádio e futebol, uma relação de longa data. **GZH**, Porto Alegre, 30 de julho de 2020. História e Tradição. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2020/07/radio-e-futebol-uma-relacao-de-longa-data-ckd9e817q00ay01472u9vf8jt.html>>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013

COSTA, Viviani; RICHARTZ, Terezinha; LEITE, Marco. MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: luta por espaço e equidade de gênero. **V SIMGETI – Grupo Educacional Unis**, Varginha, 25 e 26 de novembro de 2019.

DAGA, Bianca. 1ª narradora da TV no Brasil foi pupila de Luciano do Valle e volta a narrar após 19 anos, na ESPN. **ESPN**. 7 de março de 2018. Disponível em: <https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/4055917/1-narradora-da-tv-no-brasil-foi-pupila>

[de-luciano-do-valle-e-volta-a-narrar-apos-19-anos-na-espn](#)> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

Diário de Porto Alegre (1827-1828). **CEDAP/UFRGS**. Porto Alegre, 2012. Disponível em:<<https://cedap.ufrgs.br/xmlui/handle/20.500.11959/4104>>. Acesso em: 03 de outubro.

Dorothy Thompson. **UNITED STATES HOLOCAUST**, 2018. Disponível em:<<https://exhibitions.ushmm.org/americans-and-the-holocaust/personal-story/dorothy-thompson>>. Acesso em: 10 de outubro.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e jornada dupla. **Revista Social & Humanas**, v. 32 / nº 2 - 2019

Estereótipos de gênero: o que são, como nos afetam e como combater. **Pantys**, 2022. Disponível em:<<https://www.pantys.com.br/blogs/pantys/estereotipos-de-genero-o-que-sao-como-nos-afetam-e-como-combater>>. Acesso em: 14 de outubro 2023.

FEILER, Camila. O Que Marcou a História de Ida B. Wells e Porque o Brasil Precisa Saber Dela. **Nossa Causa**. Curitiba, 16 de julho de 2015. Disponível em: <<https://nossacausa.com/o-que-marcou-historia-de-ida-b-wells-e-porque-o-brasil-precisa-saber-dela/>> Acesso em: 04 de outubro de 2023.

FELISBINO, Marina Barreto. Celebrando Nettie Stevens – a mulher que descobriu que os cromossomos X e Y determinam o sexo. **Ciência pelos olhos delas**, 2016. Disponível em:<<https://www.blogs.unicamp.br/cienciapelosolhosdelas/2016/07/15/celebrando-nettie-stevens-mulher-que-descobriu-que-os-cromossomos-x-e-y-determinam-o-sexo/#:~:text=Pouco%20tempo%20depois%2C%20Edmund%20Beecher,que%20trabalhava%20no%20mesmo%20departamento>>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

FERNANDA GENTIL. **Memória Globo**, 28 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/fernanda-gentil/noticia/fernanda-gentil.html>> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

FERRAZ, Marina. Morre Betsy Wade, 1ª mulher a editar notícias no New York Times. 2020. **Poder 360º**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/morre-betsy-wade-1a-mulher-a-editar-noticias-no-new-york-times/>> Acesso em: 04 de outubro de 2023.

FERREIRA, Caio. A história e a evolução do jornalismo esportivo no Brasil e no mundo. **JORNALZT**, 24 de abril de 2023. Disponível em:<<https://jornalzt.com/a-historia-e-a-evolucao-do-jornalismo-esportivo-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 11 de outubro de 2023.

Fiori Gigliotti: Ex-narrador esportivo de rádio. **TERCEIRO TEMPO**, Online, 2023. Que fim levou. Disponível em:<<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/fiori-gigliotti-459>>. Acesso em 12 de outubro de 2023.

FRAZÃO, Dilva. Johannes Gutenberg. **E BIOGRAFIA**. Disponível em <https://www.ebiografia.com/johannes_gutenberg/>. Acesso em 04 de outubro de 2023.

FRIMPONG, Jillian. The Way to Right Wrongs: Celebrating the Legacy of Ida B. Wells. **New York Public Library**. 16 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.nypl.org/blog/2018/07/16/way-right-wrongs-celebrating-legacy-ida-b-wells>>. Acesso em: 05 de outubro de 2023.

Globo Esporte. **Memória Globo**, 2021. Disponível em:<<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml>>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

GONÇALVES, Cida. Presidente sanciona lei que determina igualdade salarial entre homens e mulheres. **Gov.br**, 2023. Disponível em: <<http://www.mulheres.ba.gov.br/2023/07/3734/Presidente-sanciona-lei-que-determina-igualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 07 de outubro de 2023.

GONÇALVES, Micheli; CAMARGO, Vera. A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura. **UNICAMP**, 2016.

GUEDES, Joseanne. Debate resgata história do nascimento da imprensa na Bahia. **Associação Bahiana de Imprensa**, Bahia, 14 de maio de 2021. Disponível em: <<https://abibahia.org.br/debate-resgata-historia-do-nascimento-da-imprensa-na-bahia/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2023.

GUERRA, Márcio. A história da locução esportiva. **Memória Márcio Guerra**, 27 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.mquerramemoria.com.br/a-historia-da-locucao-esportiva>>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

Imprensa internacional repercute campanha de jornalistas brasileiras contra o assédio. **GZH**, 27 de março de 2018b. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/03/imprensa-internacional-repercute-campanha-de-jornalistas-brasileiras-contra-o-assedio-cjfa4jg3z01h801phmk30lcfm.html>> Acesso em: 15 de outubro de 2023

INSTITUTO ETHOS. **Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas**. São Paulo, maio de 2016. Disponível em: <https://issuu.com/institutoethos/docs/perfil_social_tacial_genero_500emp> Acesso em: 30 de setembro de 2023.

JUNIOR, Carlos. Jornalismo esportivo: o que é. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38 –59. Jul/Dez 2017.

GUERRA, Márcio de Oliveira. Entrevista: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. Editora UNESP: São Paulo, 2009, p. 67–75

KRÜGER, P.H.C.; NEGRINI, M. **A mulher âncora no SBT Brasil**. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 8, n. 13, p. 30-47, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rde>>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

Larry Gogan 1938-2020: Nine of the funniest answers from the infamous Just A Minute Quiz. **Extra.ie**, 07 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://extra.ie/2020/01/07/entertainment/entertainment-news/larry-gogan-just-a-minute-quiz>>. Acesso em: 04 de outubro de 2023.

MARTINS, Jéssica. A evolução do jornalismo. IDP, Brasília, 09 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.idp.edu.br/blog/ecom/a-evolucao-do-jornalismo/#:~:text=Com%20%E2%80%9Cpublica%C3%A7%C3%B5es%E2%80%9D%20di%C3%A1rias%2C%20a,fatos%20e%20escrever%20sobre%20eles.>>> Acesso em: 03 de outubro de 2023.

MATSUKI, Edgard. Emissoras pioneiras ajudam a contar a história do rádio no Brasil. **Agência Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-06/cem>>

[anos-do-radio-no-brasil-das-emissoras-pioneiras-ate-era-de-ouro](#)>. Acesso em: 04 de outubro de 2023.

MEIRELLES, Rebeka. **Sexismo no jornalismo esportivo: como as mulheres jornalistas vivenciam e lidam com a cultura patriarcal organizacional do esporte**. Niterói, 2022.

MICHELETTI, Marcos Júnior. Mariana Becker. **Terceiro Tempo**, 2023. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/mariana-becker-1> >. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

MONTEIRO, Maria Clara. Vanguardas e Pioneiras. **Web Jornalismo**, 2022. Disponível em: <<https://webjornalismo.unicap.br/literatura-feminina/sobre/>> Acesso em: 05 de outubro de 2023.

MORAES, Lygia Quartim de. Prefácio. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos das Mulheres**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

Morre Januário de Oliveira, ex-locutor de rádio e TV. **GE**, Rio de Janeiro, 31 de maio de 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/rn/futebol/noticia/morre-januario-de-oliveira-ex-locutor-de-radio-e-tv.ghtml>>. Acesso em 12 de outubro de 2023.

Mulheres no Jornalismo Brasileiro. **Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo**, 2017. Disponível em:<<https://www.mulheresnojornalismo.org.br/>> . Acesso em: 08 de outubro de 2023.

MUZART, Zahidé. Uma Espiada na Imprensa das Mulheres no Século XIX. **SCIELO**, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/QFg3mNfZziCK3B4YJSNF7vs/>> Acesso em: 04 de outubro de 2023.

NETO, Valdemar Pinho. Mulheres perdem trabalho após terem filhos. Portal FGV, São Paulo. Disponível em:<<https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>>. Acesso em: 01 de outubro de 2023.

NEVES, Daniel; SOUSA, Rafaela. Revolução Industrial. **Mundo Educação**. Disponível em<<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/revolucao-industrial-2.htm>>. Acesso em: 08 de outubro de 2023.

No Esporte Espetacular, Bárbara Coelho se emociona ao falar sobre respeito às mulheres e igualdade de gênero. **Contigo**, 10 de março de 2019. Disponível em:<<https://contigo.uol.com.br/noticias/ultimas/no-esporte-espetacular-barbara-coelho-se-emociona-ao-falar-sobre-respeito-as-mulheres-no-esporte-e-igualdade-de-genero.phtml>> Acesso em: 15 de outubro de 2023.

Normas de gênero. **European Institute for Gender Equality**, 2023. Disponível em:<https://eige.europa.eu/publications-resources/thesaurus/terms/1288?language_content_entity=pt#:~:text=As%20normas%20de%20g%C3%A9nero%20s%C3%A3o,socializa%C3%A7%C3%A3o%20e%20estereotipia%20de%20g%C3%A9nero>.Acesso em: 08 de outubro de 2023.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis,v. 28, n. 361002, 2020.

PIMENTEL, Gisele. A Primeira Mulher Locutora do Brasil. **Escola de Rádio**. Disponível em: <<https://escoladeradio.com.br/2022/03/08/a-primeira-mulher-locutora-do-brasil/#:~:text=Em%201923%2C%20no%20Rio%20de,r%C3%A1dio%20logo%20nas%20primeiras%20transmiss%C3%B5es>>. Acesso em: 03 de outubro de 2023.

PRIZIBISCZKI, Cristiane. Maria Helena Rangel: Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início. **Portal Imprensa**, 09 de agosto de 2007. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

PRONI, Thaíssa; PRONI Marcelo. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2017.

RAMPTON, Martha. Four Waves of Feminism. **Pacific University Oregon**, 2015. Disponível em: <<https://www.pacificu.edu/magazine/four-waves-feminism>>. Acesso em: 08 de outubro de 2023.

Repórter do "Esporte Interativo" é beijada por torcedor e desabafa nas redes sociais. **GZH**. 14 de março de 2018a. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/libertadores/noticia/2018/03/reporter-do-esporte-interativo-e-beijada-por-torcedor-e-desabafa-nas-redes-sociais-cjercsz4m02zo01r4esxa8b25.html>>. Acesso em: 15 de outubro de 2023

ROZENBERG, Marcelo. Regiani Ritter. **Terceiro Tempo**, 2023. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/regiani-ritter-3480>>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

SANTOS, Luiza. Sufrágio Feminino e Democracia no Brasil. 2017, p. 18. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33232/33232.PDF>> Acesso em: 05 de outubro de 2023.

SANTOS, Vanessa. **AS BOLAS DA VEZ: A INVASÃO DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO TELEVISIVO BRASILEIRO**. UniCEUB: Faculdade de Comunicação Social – Jornalismo. Brasília, 2012.

Significado de Androcentrismo. **DICIO**, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/androcentrismo/#:~:text=Significado%20de%20Androcentrismo&text=%5BPopular%5D%20Tend%C3%Aancia%20para%20supervalorizar%20os.%2C%20and%C3%B3is%20%2B%20k%C3%A9tron%20%2B%20ismo.>>>. Acesso em: 14 de outubro de 2023.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. Centro de Investigação Media & Jornalismo, Porto, 2008)

Sportv 30 anos: canal revolucionou a forma de acompanhar esporte no Brasil. **GE**, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 2021. Sportv. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sportv/noticia/sportv-30-anos-canal-revolucionou-a-forma-de-acompanhar-esporte-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 12 de outubro de 2023.

SQUIRRA, S. **Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro**. . Petrópolis: Vozes. . Acesso em: 13 nov. 2023. , 1993

The Capture and Execution of William Joyce. **The National WWII Museum**, New Orleans, 01 de Janeiro de 2021. Disponível

em:<<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/william-joyce-capture-and-execution>>. Acesso em: 04 de outubro de 2023.

The News Media and the Making of America, 1730-1865. **American Antiquarian**. Disponível em: <<https://americanantiquarian.org/earlyamericannewsmedia/exhibits/show/news-in-colonial-america/item/116>>. Acesso em: 03 de outubro de 2023.

TOMAZ, Reginaldo. Mariana Becker lembra machismo na carreira: "Ser simpática é uma coisa; botar a mão em mim é outra". **Terra**. 2 de setembro de 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/mariana-becker-lembra-machismo-na-carreira-ser-simpatica-e-uma-coisa-botar-a-mao-em-mim-e-outra,95a92df662c1ce6078a509413befc713dq6rc1ih.html>>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 1ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1928.

ZEM, Rafaela. Dia da Televisão: conheça a história do primeiro apresentador de jornal da TV brasileira. **G1**, 2022. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2022/11/21/dia-da-televisao-apresentador-de-tatui.ghtml>>. Acesso em: 05 de outubro de 2023.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil